

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**INTIMIDADES CONJUGAIS: DAS SIGNIFICAÇÕES E  
PERCURSOS DE INTIMIDADE À PROXIMIDADE EMOCIONAL**

Cátia Vanessa da Costa Santos

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2010**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**INTIMIDADES CONJUGAIS: DAS SIGNIFICAÇÕES E  
PERCURSOS DE INTIMIDADE À PROXIMIDADE EMOCIONAL**

Cátia Vanessa da Costa Santos

Dissertação, orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso Davide

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2010**

## **Agradecimentos**

*À minha família, por sempre me ter apoiado e por estar sempre presente nos melhores e nos mais difíceis momentos da minha vida...*

*À minha mãe, por saber dizer sempre as palavras certas no momento certo...*

*Ao meu doce Saúl, pela paciência inesgotável e por estar sempre ao meu lado e fazer os possíveis e os impossíveis para me ver sorrir...*

*Aos meus amigos, por todo o apoio e companheirismo, por compreenderem a minha indisponibilidade e ainda assim estarem disponíveis quando mais precisei...*

*À minha colega de estágio e amiga, Ana Sofia Jacinto, por toda a força e energia, por todas as aprendizagens, por toda a ajuda, por todos os momentos, sorrisos e sonhos, e porque sem o seu apoio esta recta final teria sido mais difícil de ultrapassar...*

*Às minhas companheiras de aventuras, Joana Duarte, Sílvia Ribeiro e Mónica Rocha, por estes cinco anos de lutas, partilhas, concretizações, experiências, dúvidas, desejos, ..., e por serem verdadeiras amigas para a vida...*

*À minha orientadora, Prof. Dr.ª Isabel Narciso, pela inspiração e modelo que é, por toda a amizade e partilha...*

*À Dr.ª Luana Cunha Ferreira, pela disponibilidade e interesse que sempre demonstrou no decorrer desta investigação...*

*A todos os que colaboraram nesta investigação...*

**Índice:**

<b>Introdução</b> .....	1
<b>1. Enquadramento teórico</b> .....	2
<b>2. Processo metodológico</b> .....	12
2.1. <u>Enquadramento metodológico</u> .....	12
2.1.1. Paradigma pós-positivista e abordagem qualitativa .....	12
2.2. <u>O desenho da investigação</u> .....	13
2.2.1. Questão inicial .....	14
2.2.2. Objectivos .....	14
2.2.3. O mapa conceptual .....	15
2.2.4. Questões de investigação .....	16
2.3. <u>Estratégia metodológica</u> .....	16
2.3.1. Caracterização da amostra .....	16
2.3.2. Instrumentos utilizados .....	17
2.3.2.1. Questionário sócio-demográfico .....	17
2.3.2.2. Entrevista semi-estruturada .....	17
2.3.2.3. Tarefas individuais .....	18
2.3.3. Procedimentos .....	19
2.3.3.1. Selecção da amostra .....	19
2.3.3.2. Recolha de dados .....	20
2.3.3.3. Análise dos dados .....	21
<b>3. Apresentação e discussão dos resultados</b> .....	22
<b>Conclusões</b> .....	42
<b>Bibliografia</b> .....	46
<b>Anexos</b>	

**Índice de Anexos:**

Anexo I – Questionário Sócio-Demográfico

Anexo II – Excerto do guião de entrevista semi-estruturada

Anexo III – Consentimento informado

Anexo IV – Grelha de Observação de Entrevista

**Índice de apêndices:**

Apêndice 1 – Categorias emergentes para as significações de intimidade

Apêndice 2 – Categorias emergentes para a componente essencial de intimidade

Apêndice 3 – Percurso de intimidade percebido – Cartões seleccionados

Apêndice 4 - Proximidade emocional percebida – Cartões seleccionados

Apêndice 5 – Estudos de caso

**Resumo:**

A intimidade é o conceito estrutural mais complexo das relações conjugais (Costa, 2005), pelo que a sua compreensão é vital para o conhecimento do casal, numa perspectiva de prevenção e melhoria das relações íntimas. Nesta investigação, pretendeu-se estudar as associações que se estabelecem entre três especificidades das relações íntimas, utilizando uma metodologia qualitativa: as significações de intimidade, o percurso de intimidade percebido e a proximidade emocional percebida. O estudo consistiu na realização de entrevistas conjuntas a dez casais, de entre os quais 50% viviam em união de facto e 50% eram casados. As entrevistas incluíam um bloco de tarefas individuais. Os dados foram analisados utilizando uma análise de conteúdo das entrevistas e uma metodologia de análise de casos conjunta. Os resultados não apontaram para associações entre significações de intimidade, percurso de intimidade percebido e proximidade emocional percebida. Ainda assim, verificaram-se duas associações ao nível da concordância dentro dos casais: a concordância no casal ao nível das significações parece estabelecer uma associação negativa com a concordância no percurso de intimidade percebido; a concordância no casal nas significações parece estar associada à concordância no nível de proximidade percebido.

**Palavras-chave:** Significações de intimidade; Percurso de intimidade; Proximidade emocional; Diferenças de género.

## **Abstract**

Intimacy has been described as the most complex structural concept of marital relations, so the comprehension of this concept is vital for knowing the couple, from a perspective of prevention and improvement of intimate relationships. The aim of this research was to study the associations that are established between some aspects of intimate relationships: the meanings of intimacy, the perceived time-course of intimacy, and the perceived degree of emotional closeness. The study consisted in doing interviews to both members of a couple, to a sample of ten couples in which 50% were cohabiting and 50% were married. The interviews had a section of individual tasks. The collected data was analyzed using a content analysis of interviews, initially, and then using a methodology of multiple case studies. Results didn't suggest associations between intimacy meanings, perceived time-course of intimacy and perceived emotional closeness. Nevertheless, when analyzed the agreement within couples, were found two relations: the agreement within couples in intimacy meanings seems to be negatively associated with the agreement in perceived time-course of intimacy; the within couple agreement in the essential component for intimacy seems to lead to an agreement in the perceived emotional closeness level.

**Key-words:** Meanings of intimacy; time-course of intimacy; emotional closeness; gender differences.

## **Introdução**

A presente investigação enquadra-se no contexto da Psicologia da Família, sendo o seu foco na temática da conjugalidade – especificamente da intimidade conjugal. O estudo desta temática e a sua compreensão contribui para o enriquecimento do conhecimento na área da conjugalidade, bem como poderá conduzir a melhorias qualitativa das relações conjugais, numa perspectiva de prevenção em Portugal.

A intimidade, como conceito complexo que é, tem sido alvo de inúmeras conceptualizações, as quais enfatizam as dimensões que a constituem. Na literatura, as componentes da intimidade que têm sido mais descritas e estudadas são a partilha e auto-revelação, o apoio emocional, a confiança, a mutualidade e a interdependência, sendo que o amor e a sexualidade definem a natureza romântica da relação de intimidade (Narciso e Ribeiro, 2009). A evolução e transformação da intimidade ao longo do tempo é também uma questão fulcral para a sua compreensão, pelo que têm sido desenvolvidas várias investigações nesta temática. Bennet (2000), no entanto, afirma que estas não captam a verdadeira importância do tempo e ignoram a natureza dinâmica e complexa do conceito de intimidade. No que concerne à associação entre os conceitos de intimidade e proximidade, têm surgido também algumas controvérsias no que diz respeito a esta relação, uma vez que estes dois conceitos são, muitas vezes, usados de forma indiferenciada e equivalente (Popovic, 2005).

Pretende-se com esta investigação, compreender as associações que se estabelecem entre três especificidades da conjugalidade: as significações de intimidade; o percurso de intimidade percebido; e a proximidade emocional percebida. Importa salientar que esta investigação utiliza uma abordagem sistémica, considerando-se, portanto, que o holon conjugal é constituído por dois holons individuais correspondentes aos elementos do casal. A compreensão do sistema como um todo resulta da configuração de interações e relações entre estes elementos, formando-se um terceiro elemento: “o nós” (Gulotta, 1993).

O trabalho está dividido em quatro secções: 1) enquadramento teórico, no qual são explorados os temas essenciais para este estudo através de uma revisão de literatura; 2) processo metodológico, que explicita todo o processo de recolha e análise de resultados; 3) apresentação e discussão dos resultados; 4) conclusões e reflexões finais.

## 1. Enquadramento teórico

*“Olhar em volta e perceber casais. Encontros e desencontros. Encontros que se mantêm, se metamorfoseiam e se fazem crescer.”*

(Narciso e Ribeiro, 2009)

### O universo da conjugalidade

#### *Conjugalidade e bem-estar*

A conjugalidade, *per se*, é um conceito multidimensional e complexo. Gulotta (1993), à semelhança de outros estudiosos na área da conjugalidade, afirma que *“o casal é formado por três elementos: o Eu, o Tu e o Nós”* (p. 29). O casal não é, portanto, o resultado da soma dos dois elementos que o constituem mas, antes, a adição dos seus componentes e das suas interações, tal como o postulado na Teoria Geral dos Sistemas (Gulotta, 1993). Para além disso, quando se fala em casal, existe uma multiplicidade de aspectos a ter em consideração, nomeadamente, os processos cognitivos dos dois intervenientes (expectativas, crenças, percepções) e os processos afectivos (amor, compromisso, intimidade).

A complexidade da conjugalidade encontra-se, também, espelhada nas transformações ocorridas nos seus padrões a partir dos anos setenta. Entre elas, salientam-se a queda da taxa de nupcialidade<sup>1</sup>, verifica-se um decréscimo nas taxas de casamentos católicos que dá lugar a um aumento dos casamentos civis, o aumento do número de divórcios<sup>2</sup> e a difusão da união de facto<sup>3</sup> (Leite, 2003; Silva e Relvas, 2002). Apesar desta última não ser um fenómeno novo, tem vindo a aumentar significativamente em Portugal, tornando-se uma alternativa ao casamento<sup>4</sup>.

A conjugalidade parece estar relacionada com o bem-estar (Narciso e Ribeiro, 2009). Estudos demonstram que casais que coabitam apresentam menor bem-estar psicológico comparativamente com os casados e maior bem-estar do que os solteiros (Brown, 2000). O envolvimento numa relação próxima e satisfatória constitui, para os adultos, um aspecto fundamental para a saúde, capacidade de adaptação, felicidade e sentido

<sup>1</sup> A taxa de nupcialidade atingiu o valor de 5,7 por mil em 2001, tendo decrescido comparativamente com o valor atingido em 1970 – 9,4 por mil (Leite, 2003).

<sup>2</sup> Em 2001 e 2002, a média de divórcios continuava a aumentar, tendo-se verificado 23 502 ocorrências, entre as quais se observou um aumento dos divórcios por mútuo consentimento (89,3%) e um decréscimo nos divórcios litigiosos (9%; INE, 2002)

<sup>3</sup> De acordo com a legislação portuguesa, considera-se que a união de facto se constitui quando duas pessoas, independentemente do sexo, vivem juntas há mais de dois anos (Lei n.º 7/2001 de 11 de Maio de 2001).

<sup>4</sup> Ainda assim, o casamento continua a ter um grande peso em Portugal quando comparada sua a taxa de nupcialidade com a de outros países europeus (Leite, 2003).

para a vida (Popovic, 2005). Mais especificamente no que diz respeito à intimidade, esta demonstrou ser um factor fundamental para o bem-estar individual (Costa, 2005; Lippert & Prager, 2001), sendo que a ocorrência de perturbações na intimidade está fortemente relacionada com desordens na saúde mental (Prager, 1995).

### **O planeta da Intimidade Conjugal**

Intimidade deriva do termo latim “*intimus*” que significa “íntimo” e que se refere, portanto, ao partilhar aquilo que é mais íntimo e particular com outros (Popovic, 2005). A intimidade é um conceito multidimensional que tem diferentes significados para diferentes indivíduos, sendo também influenciada pela cultura (Hook, Gerstein, Detterich & Gridley, 2003).

#### ***(in)Definições de intimidade***

O conceito de intimidade, segundo Costa (2005), é o elemento estrutural mais abrangente e complexo da relação do casal. Apesar de ser reconhecida como um forte indicador de bem-estar conjugal, a sua definição é, ainda, pouco clara, uma vez que têm surgido inúmeras definições e teorias diversas ao longo do tempo. Com base numa ampla revisão de literatura, Narciso e Ribeiro (2009) propuseram uma categorização organizadora das conceptualizações de intimidade. As autoras sugerem que estas conceptualizações se podem inserir, quer na dimensão relacional *versus* qualidade individual – intimidade enquanto qualidade das relações ou competência das pessoas, havendo perspectivas integrativas das duas dimensões –, quer nas dimensões estado ou produto *versus* processo dinâmico – perspectivas de intimidade como sendo um produto da relação ou como um processo modificável ao longo do tempo, ou uma incorporação das duas perspectivas.

Numa perspectiva de intimidade enquanto dimensão relacional, insere-se, nomeadamente, a definição de Moss e Shwebel (1993), que pressupõe que a intimidade é determinada pelo nível de compromisso, afecto positivo, proximidade cognitiva e física que a pessoa experiencia com o parceiro, numa relação recíproca.

Heller e Wood (1998) defendem que a intimidade é um processo relacional interactivo, mais do que uma experiência individual. Também Clark e Reis (1988) definem a intimidade como um processo através do qual alguém expressa sentimentos e informações privadas a outra pessoa, esperando sentir-se conhecido, validado e cuidado pela resposta do outro. A intimidade é também considerada um processo constituído por

eventos nos quais os comportamentos interpessoais vulneráveis de um parceiro são reforçados pela resposta do outro (Cordova, Gee e Warren, 2005).

Segundo a conceptualização de Levine (1992), a intimidade é a partilha, numa relação entre duas pessoas, de algo íntimo do *self*, bem como o sentir que o que é partilhado, é ouvido com interesse e compreendido pelo outro. Acrescenta, ainda, que o primeiro passo para uma relação íntima é a partilha de algo privado com o outro, o que requer que um indivíduo queira partilhar esses aspectos com o/a seu/sua parceiro/a, e tenha competências de expressão de sentimentos e ideias através de uma comunicação verbal.

Em suma, a partilha e revelação de aspectos particulares e privados com o parceiro é um aspecto considerado pela maioria das definições de intimidade. É indispensável a presença de duas pessoas para que se estabeleça uma relação de intimidade, sendo que para, que esta ocorra, são importantes não só os comportamentos de auto-revelação e interdependência face ao parceiro, mas também a resposta de compreensão e aceitação deste a essa partilha.

### ***Componentes da Intimidade***

A intimidade, sendo um conceito multidimensional, é constituída por vários componentes que diferem de acordo com as perspectivas dos diversos autores, como se constata através das várias definições acima referidas. A partir de uma revisão de literatura alargada de Narciso (2001), a intimidade é conceptualizada “*como um tecido relacional, constituído por vários fios-componentes – partilha e auto-revelação, apoio emocional, confiança, interdependência e mutualidade – e um fio contorno – amor e sexualidade*”(Narciso & Ribeiro, 2009, p. 120). O amor e a sexualidade serão, na perspectiva das autoras, as componentes que definem a natureza romântica das relações de intimidade.

Viajando brevemente pelos fios componentes da intimidade, a **partilha e auto-revelação** referem-se ao processo através do qual uma pessoa expressa os seus sentimentos a outra pessoa (Clark & Reis, 1988). É referido, por alguns autores, como uma componente fundamental para a intimidade, dado que não se pode considerar que existe uma relação íntima se os seus intervenientes se recusarem a partilhar partes de si próprios (Hook, Gerstein, Detterich & Gridley, 2003). Clark e Reis (1988) atentam para o facto de o envolvimento não-verbal ser poucas vezes referido nos modelos teóricos e nas conceptualizações de auto-revelação e de intimidade, salientando que a proximidade

física, o contacto visual e o toque aumentam a intimidade percebida e, portanto, deveriam ser considerados. Ainda relativamente à auto-revelação, esta pode ser descritiva ou avaliativa, sendo que esta última se refere ao que pensamos sobre o mundo, sobre as pessoas e sobre nós próprios. A auto-revelação avaliativa está frequentemente associada às relações mais íntimas, uma vez que envolve a expressão dos sentimentos mais profundos, enquanto a auto-revelação descritiva se resume à revelação e descrição de factos (Hook, Gerstein, Detterich & Gridley, 2003).

O **apoio emocional** é descrito como o sentir-se amado, compreendido e aceite pelo outro (Hook, Gerstein, Detterich & Gridley, 2003), assim como sentir-se validados e respeitados nos seus atributos e perspectivas (Reis, 1998). Compreender e validar o outro de forma adequada conduz a uma maior confiança na relação de parte a parte, o que, por sua vez, irá propiciar uma maior expressão da vulnerabilidade e revelação ao parceiro (citado por Heller & Wood, 1998). Reis e Shaver (1988) defendem que uma relação de intimidade está dependente, não só da partilha de sentimentos e aspectos privados com o outro, mas também de uma resposta favorável de aceitação, interesse e compreensão pelo parceiro (cit. por Baumeister & Bratslavsky, 1999).

A **confiança**, uma componente básica de todas as relações íntimas (Hartfield, 1984), diz respeito ao “des-cobrir-se face ao outro” (Narciso & Ribeiro, 2009). Implica sentir e saber que é seguro revelar os seus segredos pessoais ao/à parceiro/a pois estes permanecerão confidenciais (Hook, Gerstein, Detterich & Gridley, 2003). É esta expectativa do parceiro que permite ao indivíduo poder correr os riscos que envolve uma relação íntima (Prager, 1995), já que este relacionamento tão íntimo deixa os seus elementos numa situação de vulnerabilidade e só pode ser alimentado pelo estabelecimento de uma relação de confiança.

Relativamente à **mutualidade**, esta componente da intimidade diz respeito à reciprocidade não possessiva entre os elementos do casal (Rubin, 1983 cit. por Narciso e Ribeiro, 2009). Implica a partilha e co-criação de um significado e experiência de ser compreendido (Weingarten, 1992, cit. por Narciso e Ribeiro, 2009). A conceptualização de Hartfield (1984) postula que a intimidade é um processo através do qual nos aproximamos de alguém, explorando as semelhanças e diferenças nos pensamentos, sentimentos e comportamentos. É de salientar que o autor atenta para o facto de serem precisas duas pessoas para que haja intimidade. Duck (1994) também defende que não se pode considerar que existe uma relação intimidade quando ambos os parceiros não

têm relações psicológicas semelhantes entre si, isto é, quando um dos parceiros sabe mais sobre o outro do que o outro sobre si (cit. por Prager, 1995).

A **interdependência** é a dependência mútua no apoio, recursos e compreensão de forma adequada e satisfatória, estabelecendo-se limites claros entre os sub-sistemas individuais. Envolve o estabelecimento de um equilíbrio entre pertença e autonomia (Costa, 2005), já que o envolvimento numa relação íntima pressupõe um aumento do impacto das acções íntimas do parceiro no próprio, constituindo uma forma de vulnerabilidade face ao outro (Baumeister & Bratslavsky, 1999).

Analisando os fios contorno da intimidade, o **amor** surge como a configuração de sentimentos conscientes entre os dois elementos do casal, constituindo-se um si partilhado com o outro e a construção de um sentimento de “nós” em construção. A intimidade e o compromisso constituem processos afectivos associados ao amor, “*catalisando-o e sendo por ele catalisados*” (Narciso & Ribeiro, 2009, p. 89). Por sua vez, a **sexualidade** diz respeito às atitudes e comportamentos de carga erótica (Narciso & Ribeiro, 2009), constituindo um factor fundamental para as relações íntimas ao longo do tempo (Hinchliff & Gott, 2004). Assim, a auto-estima, a empatia e a comunicação no casal estão fortemente associados à satisfação sexual.

Convém salientar que as várias perspectivas de intimidade não consideram necessariamente todos os componentes aqui apresentados. Muitos autores são consensuais ao considerar a auto-revelação, o amor e afecto e o apoio emocional mútuos como aspectos essenciais para a intimidade (Baumeister & Bratslavsky, 1999).

### ***Diferenças de género***

A definição de intimidade, na perspectiva de vários autores, está, ainda, muito voltada para uma perspectiva feminina, salientando-se, nas conceptualizações de intimidade, as preferências femininas pela auto-revelação e partilha verbal e desvalorizando as tendências masculinas para actividades mais instrumentais (Wood & Inman, 1993, cit. por Heller & Wood, 1993). Assim, a maioria das definições de intimidade enfatiza as componentes de partilha e auto-revelação e de apoio emocional, não salientando aspectos como o apoio instrumental ou a partilha de actividades físicas. As diferenças de género, no que diz respeito às perspectivas de intimidade, são demonstradas por diversas investigações. Ridley (1993), por exemplo, salienta que a intimidade para as mulheres significa amor, afecto e expressão afectiva, enquanto para os homens a intimidade é percebida como sendo o comportamento sexual e a

proximidade física (cit. por Hook, Gerstein, Detterich & Gridley, 2003). As mulheres parecem demonstrar maior empatia nas relações íntimas do que os homens (Hook, Gerstein, Detterich & Gridley, 2003), expressando mais directa e abertamente carinho, suporte e incentivo (Duck & Wright, 1993). Por sua vez, os homens expressam-se através de acções (Twoney & Ewing, 1995), demonstrando menor proximidade e expressividade (Duck & Wright, 1993). As mulheres parecem ter uma maior abertura para partilhar aspectos pessoais privados com o parceiro (Heller & Wood, 1993; Hook, Gerstein, Detterich & Gridley, 2003). Os homens são mais instrumentais, valorizam mais o “fazer” do que o “ser” (Hook, Gerstein, Detterich & Gridley, 2003), utilizando, maioritariamente, a comunicação verbal como forma de se expressarem (Hartfield, 1984).

Hook, Gerstein, Detterich e Gridley (2003) conduziram uma investigação que pretendia estudar as diferenças de género que emergiam relativamente aos vários factores de intimidade. Demonstraram que as mulheres enfatizavam o amor, o afecto, a expressão de sentimentos e a partilha emocional. Estes resultados sugerem que as mulheres procuram e sentem-se mais confortáveis com o afecto e sensibilidade do parceiro.

Também num estudo levado a cabo por Heller & Wood (1993), que utilizava o PAIR<sup>5</sup>, os autores demonstraram que as mulheres são melhores preditoras dos sentimentos do parceiro (Hook, Gerstein, Detterich & Gridley, 2003), sendo os homens piores preditores no que diz respeito à intimidade emocional, intelectual e recreacional percebida pela parceira. Não foram encontradas diferenças de género na predição da intimidade sexual e social do/a parceiro/a.

Atendendo às diferenças apresentadas, torna-se, ainda, importante salientar que os homens tendem a querer preservar a sua independência e autonomia na relação (Hook, Gerstein, Detterich & Gridley, 2003) ao invés das mulheres, que investem e procuram a mutualidade na relação, o que poderá justificar o diferente envolvimento de ambos os elementos do casal na relação. Tais diferenças podem levar a desentendimentos entre o casal (Twohey, 1994). Neste sentido, Twohey & Ewing (1995) sugerem que as diferenças de género relativamente às percepções de intimidade estão relacionadas com a capacidade para se ser íntimo, salientando que os homens são incapazes de corresponder às expectativas de intimidade e mutualidade das mulheres

---

<sup>5</sup> O PAIR – Personal Assessment of Intimacy in Relationships (Schaefer & Olson, 1981) – é um inventário de auto-relato que avalia cinco componentes da intimidade: emocional, social, sexual, intelectual e recreacional.

devido ao processo de socialização a que o homem está sujeito<sup>6</sup>. Os autores levantam, ainda, a questão de a “voz masculina” sobre intimidade não ser, muitas vezes, compreendida pela parceira, e vice-versa, por falarem línguas diferentes, estabelecendo uma comunicação que não leva o verdadeiro conteúdo da mensagem ao seu receptor.

### **Percurso da intimidade ao longo do tempo**

A intimidade é considerada por muitos modelos como um processo, o que indica que esta depende do tempo e do movimento dos dois elementos presentes na relação. A intimidade pode ser vista como um processo progressivo, que envolve descontinuidades e transformações, e que resulta da união quadros temporais, isto é, de percepções de momentos e períodos de temporais da intimidade (Bennet, 2000). Têm sido desenvolvidos diversos estudos com o intuito de compreender como é que a intimidade evolui e se transforma ao longo do tempo, tendo surgido diversos percursos da evolução da intimidade em função do tempo. Ainda assim, Bennet (2000) afirma que estas investigações não captam a verdadeira importância do tempo e ignoram a natureza dinâmica e complexa do conceito de intimidade. Analisaremos vários percursos de intimidade presentes na literatura.

De acordo com Sternberg (1986), o percurso de intimidade durante a fase inicial do relacionamento, terá um grau elevado de incerteza, uma vez que os parceiros ainda não conhecem nem conseguem prever as emoções, motivações e acções do parceiro. Este grau de incerteza conduzirá a interrupções e rupturas na relação, até que o casal se conheça. Ao longo do tempo, a frequência das interrupções tende a diminuir porque se constrói um conhecimento um do outro e um nível de dependência face ao/a parceiro/a. Baumeister & Bratslavsky (1999) consideram que o percurso de intimidade seria marcado por uma ascensão lenta através do tempo, até atingir um determinado nível a partir do qual se seria constante. No entanto, isto significaria que a intimidade iria chegar a um nível difícil de atingir, em que os elementos do casal já se conheceriam muito bem e teriam uma atitude de compreensão e apoio positiva um com o outro. Assim, o percurso mais provável seria uma ascensão rápida da intimidade no início da relação, que continuaria a crescer mais lentamente. Numa fase avançada e madura da relação, seria atingido o nível de intimidade constante ao longo do tempo, mas com

---

<sup>6</sup> De acordo com esta perspectiva, o processo de socialização do homem é composto por estereótipos, preconceitos e expectativas relativamente aos papéis de género masculinos presentes na sociedade. Esta aprendizagem influenciará a forma como o homem irá, mais tarde, experienciar, viver e perceber a intimidade, nomeadamente, pelo facto de ser “ensinado” que não deve expressar e expor os seus sentimentos.

aumentos ligeiros de tempos a tempos. Considerando o percurso descrito, o primeiro quadro temporal do casal seria marcado pela acumulação de compreensão mútua, construída através dos processos de partilha e auto-revelação de ambos os parceiros. Esta fase requer algum tempo, para que os parceiros se possam conhecer e observar em múltiplas situações, e sentirem-se confiantes para se auto-revelar. No entanto, a duração desta fase depende da forma como o casal se envolve na relação e na intimidade conjugal. Os outros componentes da intimidade seriam integrados mais rapidamente, continuando a evoluir ao longo do tempo.

García (1998) conduziu uma investigação, tendo como base a hipótese de que a intimidade tenderia a aumentar com o início da coabitação e com a passagem do tempo, devido ao aumento da auto-revelação recíproca, dos objectivos de vida comuns e das experiências partilhadas. Os resultados foram ao encontro do esperado: verificou-se que, numa fase inicial da relação, a intimidade aumentava de forma rápida e contínua – até aos primeiros quatro anos de relação –, sendo que, numa segunda fase, aumentava moderadamente e estabilizava.

### **Intimidade e Proximidade Emocional**

Os conceitos de intimidade e proximidade são, muitas vezes, usados de forma indiferenciada e equivalente (Popovic, 2005), sendo que o conceito de proximidade está muitas vezes incluído nas definições de intimidade. Porém, continuam a existir algumas indefinições no que diz respeito à semelhança e uso destes dois conceitos enquanto sinónimos, surgindo a necessidade da clarificação dos mesmos.

Proximidade (*closeness*) é descrita na literatura como o estar com o outro, ser parte do outro, ser com o outro (Narciso & Ribeiro, 2009). Baumeister e Bratslavsky (1999) atentam para o significado literal de proximidade implicar proximidade física, o que, muitas vezes, conduz a incongruências e falácias. Exemplificam, recorrendo a uma situação específica de dois estranhos sentados lado a lado no autocarro: estão próximos fisicamente e, de acordo com algumas definições de intimidade, estariam mais íntimos que um casal a falar ao telefone. Popovic (2005) salienta, ainda, que uma relação de intimidade envolve as dimensões da sexualidade e romantismo e implica proximidade mais intensa, enquanto a proximidade, por si só, se refere a uma componente emocional que pode estar presente em vários tipos de relações, não necessariamente conjugais e íntimas.

Podemos considerar dois modelos que procuram explicar o conceito de proximidade. Por um lado, considera-se uma perspectiva de proximidade enquanto inclusão do outro no *self*, desenvolvida por Aron, Aron, Tudor e Nelson (1991). De acordo com este modelo, o desejo de desenvolver e manter relações próximas deriva da auto-expansão do *self* satisfatória e útil que estas relações proporcionam (Aron, McLaughlin-Volpe, Mashek, Lewandowski, Wright, Aron, 2004). Esta é uma perspectiva de *selfs* interconectados, que sugere que estar numa relação próxima implica que o outro esteja incluído no *self*, tendo em conta três características essenciais: recursos, perspectivas, características. Assim, numa relação próxima, os aspectos individuais de uma pessoa coincidem com alguns ou todos os aspectos de outra pessoa, passando a ser, parcialmente, suas características também. Nas relações íntimas, a partir do momento em que um indivíduo percebe que é parte do *self* do outro, os recursos passam a ser comuns e as diferenças nas perspectivas dos dois elementos são atenuadas. Importa salientar que estas definições de proximidade, tal como as de intimidade, não são exclusivas à relação do casal, podendo haver também proximidade com outras pessoas tais como familiares, amigos e estranhos. Aron, Aron e Smollan (1992) demonstraram que a proximidade parece ser constituída por dois factores: o sentir-se próximo e o comportar-se de forma próxima, sugerindo que o comportamento e as emoções parecem estar fortemente correlacionados no que diz respeito à proximidade.

Berscheid, Snyder e Omoto (1989) propuseram uma concepção de proximidade enquanto interdependência, referindo-se, pois, às propriedades do padrão de interacção entre duas pessoas numa relação próxima<sup>7</sup> (ver Berscheid, Snyder e Omoto, 2004). Assim, este modelo conceptualiza que as relações próximas implicam um elevado nível de interdependência entre as duas pessoas envolvidas. Estes padrões de interacção deveriam ser analisados considerando quatro propriedades principais, que devem reflectir o grau de interdependência entre os dois elementos: 1) a frequência com que as duas pessoas interagem; 2) a diversidade de actividades de cada indivíduo; 3) o apoio com que cada indivíduo responde ao comportamento do outro; 4) a duração de cada uma das propriedades referidas no padrão de interacção. Os autores acrescentam que deve ser tido em conta os sentimentos e emoções positivas um pelo outro e pela relação, que são experienciados nas suas interacções.

---

<sup>7</sup> Este modelo surgiu a partir do modelo de Kelley et al. (1983/2002).

Tendo em conta toda a revisão de literatura, podemos considerar que a intimidade é um conceito mais específico do que a proximidade, uma vez que implica que haja uma diferenciação e capacidade de autonomia do casal, aspectos desenvolvidos ao longo da vida conjugal. Estes aspectos permitem que os elementos do casal não percam a sua individualidade nas relações que estabelecem. Relativamente ao conceito de proximidade, este parece incidir apenas numa parte específica da intimidade – no “nós” (Crespo, 2007). Para além disso, a proximidade não é exclusiva das relações de intimidade, pois pode estar presente também em relações que não sejam íntimas. No entanto, ao considerarmos a proximidade numa relação de intimidade, esta pode ser vista como uma componente da intimidade. Pode-se, então, considerar, de um ponto de vista conceptual, a intimidade enquanto uma classe e a proximidade seria um elemento dessa classe. Num ponto de vista “tipológico”, ou seja, considerando tipos de relações de proximidade, as relações de intimidade podem ser consideradas como um dos tipos possíveis de relações de proximidade (Narciso, 2010<sup>8</sup>).

### **Associações entre significações, percursos de intimidade e proximidade emocional**

Nesta investigação, interessam-nos, particularmente, as associações que se estabelecem entre as significações de intimidade, os percursos de intimidade percebidos e a proximidade emocional percebida. Podemos, então, tecer algumas reflexões e interrogações, considerando o que já foi descrito.

Relativamente à associação entre as significações e os percursos de intimidade, questionamo-nos se, efectivamente, haverá uma tendência para que os casais com pouco tempo de relação percepcionem o seu percurso de intimidade crescente, uma vez que os primeiros anos da relação conjugal parecem ser marcados por um aumento da intimidade e reforçados por momentos de partilha e auto-revelação e construção de confiança entre os elementos do casal.

Associando as significações de intimidade à proximidade emocional, será que os níveis de proximidade emocional percebidos pelos elementos do casal se relacionam, de alguma forma, com componentes de intimidade relacionados com interdependência, apoio emocional e/ou mutualidade, considerando os modelos de proximidade acima referidos?

---

<sup>8</sup> Comunicação informal

Pensando nas associações entre o percurso de intimidade percebido e a proximidade emocional percebida, podemos acrescentar que, de acordo com a perspectiva de Sternberg (1986), as rupturas na intimidade nos primeiros tempos de relação podem conduzir a uma maior proximidade do casal. Será que casais com pouco tempo de relação se percepcionem mais próximos e com um nível crescente de intimidade?

## **2. Processo Metodológico**

### **2.1. Enquadramento Metodológico**

#### **2.1.1. Paradigma pós-positivista e abordagem qualitativa**

O paradigma de investigação define-se como sendo um sistema de crenças e visões do mundo, que representam “a natureza do mundo, o lugar individual no mundo e uma variedade de possíveis relações com o mundo e suas partes” (Guba & Lincoln, 1994, p. 107). Assim, o paradigma guiará o investigador tanto na escolha da metodologia a utilizar para levar a cabo o seu estudo como, também, em termos ontológicos e epistemológicos (Guba & Lincoln, 1994).

Esta investigação tem como base um paradigma pós-positivista, que, apesar de se guiar pelos princípios e crenças do positivismo, surgiu como uma tentativa de ultrapassar as críticas a este último. Em termos ontológicos, o paradigma pós-positivista defende um realismo crítico, pressupondo que a realidade existe mas apenas podemos aceder a esta de modo imperfeito, tendo em conta os mecanismos intelectuais imperfeitos dos indivíduos e a natureza complexa dos fenómenos. Quanto à epistemologia, este paradigma adopta uma posição não dualista mas objectivista, assumindo que o objectivismo é um ideal e que os resultados replicados são provavelmente verdadeiros, embora estejam sempre sujeitos a falsificação. A metodologia enfatizada pelo paradigma pós-positivista assenta na falsificação de hipóteses mais do que na sua verificação, Esta metodologia preza por uma recolha de dados mais situacionais e em contextos mais naturais, enfatizando os significados e propósitos que os indivíduos atribuem às suas acções. O paradigma pós-positivista está frequentemente associado a investigações qualitativas (Guba & Lincoln, 1994).

A investigação qualitativa refere-se a um tipo de estudo que não produz resultados passíveis de serem interpretados estatisticamente. Podem ser dados relativos a experiências, comportamentos, emoções e sentimentos, cuja análise é interpretativa e é levada a cabo para descobrir sobretudo processos, significações e relações nos dados

recolhidos. Esta análise tem como fim organizar a informação recolhida num esquema teórico explicativo. Na investigação qualitativa, devem ser identificados três componentes essenciais: os dados, que podem ser obtidos através de variadas fontes; os procedimentos que o investigador utiliza para interpretar e organizar os dados; e, finalmente, os relatórios escritos e verbais (Strauss & Corbin, 1998).

## **2.2. O desenho da investigação**

O presente estudo, descritivo e exploratório, enquadra-se num estudo mais vasto no âmbito de um projecto de doutoramento actualmente em curso<sup>9</sup>. Assim, surgiram alguns temas de interesse para a investigação nesta área, nomeadamente, as significações de intimidade em função do sexo, a percepção do próprio percurso de intimidade ao longo do tempo e a percepção de proximidade emocional no casal. Mais concretamente, pareceu-nos pertinente estudar a relação entre estas três especificidades da intimidade no casal: significações de intimidade em função do sexo; percepção do percurso de intimidade; e percepção de proximidade emocional. O presente estudo utiliza uma metodologia qualitativa, recorrendo, através de um estudo de caso colectivo, à entrevista semi-estruturada como método primordial de recolha de dados.

Os estudos de caso qualitativos são uma ferramenta importante para os investigadores, não só porque permitem estudar um fenómeno num determinado contexto, mas também porque é possível desenvolver teoria a partir deste método de análise (Baxter & Jack, 2008). Ao conduzir um estudo de caso, o investigador está interessado no que pode ser obtido e aprendido através de um caso individual ou de um conjunto de casos (Stake, 2005). Os estudos de caso podem diferir consoante o seu objectivo seja descrever, explorar ou explicar um dado fenómeno ou população com base no estudo de um ou vários casos.

Na presente investigação, optou-se por um estudo de caso colectivo, que envolve uma contínua comparação entre os vários casos, permitindo chegar a uma maior compreensão e teorização sobre as temáticas que nos propomos a investigar. Este método possibilita que, através da análise dos vários casos, o investigador possa observar as várias configurações e compará-las entre si, procurando identificar

---

<sup>9</sup> Projecto que decorre no âmbito da tese de doutoramento de Luana Cunha Ferreira (Psicóloga), em Psicologia da Família e Intervenções Familiares (Programa de Doutoramento Inter-Universitário da Faculdades de Psicologia das Universidades de Lisboa e de Coimbra), sob orientação científica das Professoras Doutoradas Isabel Narciso e Rosa Novo, tendo o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

semelhanças e discrepâncias entre os vários casos (Baxter & Jack, 2008; Stake, 2005). Considerando que este processo de procura de padrões entre os diversos casos pode levar a enviesamentos, Eisenhardt (1989) sugeriu uma estratégia para reduzir essa possibilidade. Esta estratégia consiste na selecção e comparação de pares de casos, o que conduz à procura de semelhanças e divergências subtis entre os casos. A sobreposição de casos aparentemente semelhantes com o intuito de procurar as diferenças entre eles, e a procura de semelhanças entre casos aparentemente diferentes conduz o investigador a uma compreensão mais rica acerca dos fenómenos em causa, podendo até surgir novos conceitos que não haviam sido antecipados. Após toda a análise de resultados, o investigador compara os conceitos ou padrões emergentes com a literatura relativa à temática investigada, no sentido de compreender se a teoria emergente apoia ou refuta as teorias de outros autores. Os resultados que entram em conflito com a teoria presente na literatura desafiam o investigador pensar de forma criativa.

### **2.2.1. Questão Inicial**

Considerando que o presente estudo procura estudar e aprofundar os conhecimentos na temática da intimidade, e tendo por base uma metodologia qualitativa, partiu-se das seguintes questões iniciais:

*Como se relacionam significações de intimidade, percepção de percursos de intimidade e proximidade emocional? Existe variação em função do sexo?*

### **2.2.2. Objectivos**

Esta investigação tem como objectivo último identificar padrões de relação nos casais no que concerne à associação que se estabelece entre os três principais temas estudados, já identificados na questão inicial. Para tal, torna-se fundamental a formulação de objectivos específicos:

- 1) identificar e analisar as principais significações dos casais face ao conceito de intimidade e as percepções dos casais relativamente ao seu percurso de intimidade e à sua proximidade emocional, analisando semelhanças e diferenças em função do sexo;
- 2) analisar possíveis associações entre significações de intimidade dos casais, as percepções em relação à sua proximidade emocional e as percepções relativas ao seu percurso de intimidade;

3) investigar possíveis associações entre a concordância do casal ao nível das significações de intimidade, dos percursos de intimidade e da proximidade emocional;

4) identificar possíveis factores de risco e factores protectores para a satisfação do casal relativamente à sua proximidade e ao seu percurso de intimidade.

### 2.2.3. O Mapa Conceptual

O mapa conceptual apresentado, reflecte a metodologia e as estratégias utilizadas ao longo da investigação, quer na fase de recolha de dados quer, mais tarde, na sua análise.

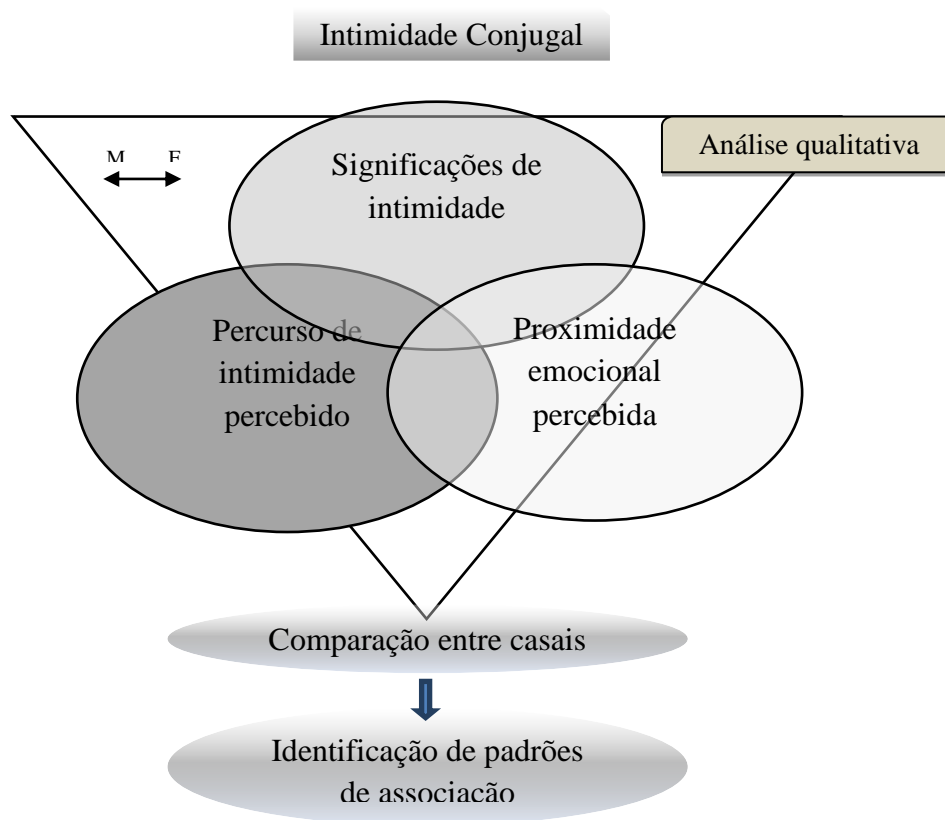


Figura 1. Mapa Conceptual

### 2.2.4. Questões de Investigação

Considerando os objectivos da investigação, foram definidas questões de investigação que guiaram a recolha e análise dos resultados.

- 1) Quais as dimensões mais predominantes nas significações de intimidade?
- 2) Será que as significações de intimidade diferem em função do sexo?
- 3) A percepção de percursos de intimidade difere em função do sexo?

4) Diferentes percepções de percursos de intimidade estão associados a diferentes significações de intimidade?

5) A proximidade emocional difere em função do sexo?

6) Diferentes níveis de proximidade emocional estão associados a diferentes significações de intimidade?

7) A concordância no casal, ao nível das significações, está associada a concordância ao nível dos percursos de intimidade?

8) A concordância no casal, ao nível das significações de intimidade, está associada a um nível de proximidade emocional?

9) A concordância no casal, ao nível da percepção dos percursos de intimidade, está associada a um nível de proximidade emocional?

## **2.3. Estratégia Metodológica**

### **2.3.1. Caracterização da amostra**

A amostra de participantes é constituída por dez casais heterossexuais. Os participantes têm maioritariamente idades compreendidas entre os 31 e os 41 anos ( $n=10$ ), sendo que um quarto da amostra tem menos de 31 anos ( $n=5$ ), estando, ainda, representadas as faixas etárias entre os 51 e os 60 anos ( $n=3$ ) e entre os 41 e os 50 anos ( $n=2$ ). Relativamente ao nível de escolaridade, mais de metade dos participantes possui o grau de licenciatura ( $n=11$ ), havendo alguns com o mestrado ( $n=6$ ), com o ensino secundário ( $n=2$ ) e com o 9º ano de escolaridade ( $n=1$ ). A amostra, na sua maioria, é constituída por participantes residentes na região de Lisboa e Vale do Tejo ( $n=18$ ), contando com a participação de apenas um casal da região do Algarve ( $n=2$ ). Na amostra, predominam os participantes de nacionalidade portuguesa ( $n=19$ ), sendo que apenas um dos participantes tem nacionalidade brasileira ( $n=1$ ). A maioria dos participantes identifica-se com a etnia caucasiana/europeia ( $n=17$ ), estando, ainda, representadas as etnias africana ( $n=2$ ) e afro-portuguesa ou equivalente ( $n=1$ ). No que diz respeito à religiosidade, mais de metade da amostra identificou-se como não crente ( $n=11$ ), havendo participantes que se identificaram como sendo crentes não praticantes ( $n=5$ ), crentes praticantes ( $n=1$ ) e outra situação ( $n=3$ ).

Quanto à caracterização relacional e familiar, começando pelo estado civil, metade dos participantes da amostra é casada ( $n=10$ ), havendo um número significativo de participantes solteiros ( $n=8$ ) e mais reduzido de divorciados ( $n=2$ ). No que diz respeito à situação relacional dos casais, metade da amostra é constituída por casais unidos pelo

casamento ( $n=10$ ) e outra metade por casais em união de facto ( $n=10$ ). Metade da amostra é constituída por casais com um tempo de coabitação entre 0 a 4 anos ( $n=10$ ), sendo a outra metade constituída por casais com um tempo de coabitação entre 5 a 9 anos ( $n=10$ ). Relativamente ao envolvimento em relações anteriores, mais de metade dos participantes afirma não ter tido nenhuma relação anterior ( $n=13$ ), 6 participantes afirmam ter tido entre uma e duas relações anteriores, e apenas um participante afirma ter tido mais de três relações anteriores. Quanto à existência de filhos, mais de metade da amostra não tem filhos ( $n=11$ ), sendo que os restantes participantes têm filhos ( $n=9$ ). Dos participantes com filhos, 4 têm filhos em idade pré-escolar, 3 têm filhos menores de três anos e 1 participante tem filhos jovens adultos. Um dos participantes tem filhos com menos de três anos e filhos adultos. Em relação ao agregado familiar, os casais viviam sozinhos ( $n=10$ ), com os filhos ( $n=6$ ), com os filhos e outras pessoas ( $n=2$ ) ou com outras pessoas ( $n=2$ ).

### **2.3.2. Instrumentos utilizados**

#### **2.3.2.1. Questionário Sócio-Demográfico**

Foi elaborado um questionário sócio-demográfico com o intuito de recolher dados relativos à amostra para a sua posterior caracterização (ver anexo I). Através deste, procurou-se aceder a informações sócio-demográficas dos participantes, tais como idade, género, situação profissional, habilitações escolares e zona de residência. Por outro lado, o questionário permitiu obter informações relativas à situação familiar dos casais, tais como o tipo e o tempo de união, a existência ou não de filhos, bem como o tempo de coabitação do mesmo.

#### **2.3.2.2. Entrevista semi-estruturada**

As entrevistas semi-estruturadas são as que têm uma maior aceitação por diversos profissionais e, como tal, passaram a ser as mais utilizadas pelos psicólogos (López & Santacana, 2003), uma vez que permitem obter informação muito rica e detalhada sobre aquilo que são as crenças e percepções do entrevistado face a um determinado tópico. A entrevista semi-estruturada permite ao investigador dispor de um guião com as questões de base, necessárias para a investigação. Essas questões irão orientar o entrevistador na condução da entrevista, permitindo-lhe garantir que tem todas as informações necessárias para a investigação em curso. Este tipo de entrevista permite o estabelecimento de uma relação de aliança com o entrevistado,

proporcionando ao entrevistador a possibilidade de se debruçar sob os interesses e preocupações abordadas pelo entrevistado. Assim, permite uma maior flexibilidade ao entrevistador, no que diz respeito à ordem das questões no decorrer da entrevista, bem como ao aprofundar de questões que sejam abordadas pelos entrevistados que possam não estar incluídas no guião mas que possam ser importantes para a investigação (Smith, 1995).

Considerando a dificuldade dos investigadores em recolher participantes dispostos a realizar entrevistas sobre a temática da intimidade, o guião de entrevista (ver excerto no anexo II) foi construído para dar resposta a três projectos de investigação<sup>10</sup>. Assim, o guião era constituído por vários blocos temáticos com objectivos específicos, focando três temas principais: a intimidade, o desejo sexual e a diferenciação. O primeiro bloco temático destinava-se ao estabelecimento de uma relação de segurança e confiança com os entrevistados. Os restantes blocos temáticos foram enriquecidos com temas específicos de interesse para o estudo, que guiaram a formulação de questões abertas no decorrer da entrevista, bem como a verificação, pelo entrevistador, de que todos os temas teriam sido abordados. As entrevistas eram realizadas a ambos os elementos do casal, em conjunto, à excepção do último bloco temático que se referia à realização de tarefas individuais, que serão descritas adiante.

### **2.3.2.3. Tarefas individuais**

Foram realizadas, no final da entrevista, três tarefas individuais com os participantes, com o objectivo de recolher a sua perspectiva individual relativamente aos tópicos abordados. Dessas três actividades, apenas duas serão alvo de análise na presente investigação.

A primeira tarefa realizada diz respeito a uma adaptação da “*Inclusion of Other in Self (IOS) Scale*”, desenvolvida por Aaron, Aaron e Smollan (1992). O objectivo da IOS é o de recolher a percepção dos indivíduos relativamente à interconectividade interpessoal, conceito que provém da teoria dos autores que defende que a proximidade resulta da sobreposição de *selves*. Este instrumento é constituído por sete pares de círculos sobrepostos – os pares de círculos representam o *self* e o outro –, apresentando diferentes níveis de sobreposição ordenados de forma crescente (do par menos sobreposto ao mais sobreposto). É pedido aos participantes que escolham o par de

---

<sup>10</sup> O projecto de Doutoramento de Luana Cunha Ferreira, o projecto de mestrado de Matilde Teles e a presente investigação.

círculos que melhor descreve a sua relação. A escala IOS revelou ter precisão e validade, enquanto medida de proximidade, tendo demonstrado ser pouco susceptível ao efeito da desiderabilidade social (Aaron, Aaron & Smollan, 1992). Nesta investigação, optou-se por construir cartões individuais com os vários pares de círculos com diferentes níveis de sobreposição<sup>11</sup>, com o intuito de minimizar o efeito da desiderabilidade social. Era pedido aos participantes que escolhessem o cartão que julgavam melhor descrever a sua relação actual e uma relação ideal. Posteriormente, pedia-se aos participantes que justificassem sucintamente a sua escolha, escrevendo uma frase atrás do cartão escolhido.

A segunda tarefa referia-se ao percurso de intimidade percebido pelo casal, tendo como objectivo recolher a percepção dos casais relativamente à variação da sua intimidade ao longo do tempo. Para tal, foram construídos, com base na literatura, cartões com variados percursos possíveis da intimidade ao longo do tempo<sup>12</sup>. Era pedido aos participantes que escolhessem o cartão que consideravam reflectir a sua relação de intimidade actual e uma relação de intimidade ideal. Pedia-se, de seguida, aos participantes que justificassem sucintamente a sua escolha, escrevendo uma frase atrás do cartão seleccionado.

### **2.3.3. Procedimentos**

#### **2.3.3.1 Seleção da amostra**

Considerando a dificuldade em recrutar casais dispostos a participar num estudo desta natureza, foi utilizado um processo de amostragem por conveniência, comumente utilizado em estudos qualitativos, com recurso à estratégia de “bola de neve”. A amostragem por conveniência refere-se à selecção de participantes acessíveis ao investigador, o qual tem, portanto, maior facilidade em recrutar esses participantes para o estudo (Lunsford & Lunsford, 1995). A estratégia de “bola de neve” diz respeito à divulgação do estudo, pelos primeiros participantes, para indivíduos da sua rede social que preencham os critérios de selecção da investigação. Foram definidos como critérios de selecção: 1) idade igual ou superior a 18 anos; 2) nível de escolaridade equivalente ao 9º ano; 3) vivência do casal em coabitação. Relativamente ao último requisito,

---

<sup>11</sup> Considerando que o estudo de Doutoramento na qual a presente investigação está inserida está ainda em fase de recolha de dados, os cartões IOS não serão apresentados em anexo.

<sup>12</sup> Considerando que o estudo de Doutoramento na qual a presente investigação está inserida está ainda em fase de recolha de dados, os cartões de percurso não serão apresentados em anexo.

poderiam participar casais unidos pelo casamento, independentemente do tempo de coabitação, ou casais em união de facto, a viver em coabitação há pelo menos dois anos.

### **2.3.3.2. Recolha de dados**

O procedimento de recolha de dados desta investigação consistiu na realização de uma entrevista a ambos os membros do casal, a qual tinha uma duração aproximada de duas horas. As entrevistas foram realizadas entre Fevereiro e Maio de 2010, contando com a participação, sempre que possível, de um entrevistador e um observador<sup>13</sup>. As entrevistas decorreram, sempre que possível, nas instalações da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. No entanto, considerando a disponibilidade e dificuldade de deslocação dos participantes, algumas entrevistas decorreram em casa dos participantes.

Antes de dar início à recolha de dados propriamente dita, foram realizadas duas entrevistas para testar a objectividade e clareza do guião, bem como a capacidade do mesmo de dar resposta às questões de investigação. Em função destas entrevistas-teste, foram efectuadas pequenas alterações ao guião inicial, nomeadamente, a alteração das tarefas individuais do início para o final da entrevista. Esta opção justifica-se por se considerar que as tarefas dificultavam e quebravam a fase inicial da entrevista, de estabelecimento de uma relação de confiança com os participantes.

Para iniciar cada entrevista, o entrevistador apresentava sucintamente os objectivos da investigação em curso, informando os participantes sobre o carácter voluntário da sua participação no estudo, a confidencialidade dos dados recolhidos, bem como a necessidade de gravar a entrevista em formato áudio, de forma a garantir um maior rigor metodológico do estudo. Após esta explicitação, pedia-se aos participantes para assinar o consentimento informado (ver anexo III) e iniciava-se a gravação áudio. Optou-se por efectuar um registo áudio das entrevistas de forma manter a fidelidade das informações verbais expressas pelos participantes. A presença de um observador no decorrer das entrevistas teve como objectivo garantir a recolha de observações relativamente à linguagem não-verbal dos participantes, informações que eram registadas numa grelha previamente construída para o efeito (ver anexo IV).

O último bloco temático da entrevista referia-se à realização de tarefas individuais. Nesta fase, que era dito aos participantes que deveriam realizar as tarefas

---

<sup>13</sup> As entrevistas foram realizadas pela doutoranda Luana Cunha Ferreira ou por uma das finalistas do Mestrado Integrado em Psicologia a trabalhar nos projectos de Mestrado: a autora da presente investigação e a finalista Matilde Teles.

individualmente, sendo que, se preferissem, se poderiam voltar de costas um para o outro. Os participantes eram informados que as suas respostas eram confidenciais e não seriam abordadas no decorrer da entrevista. As entrevistas terminavam com o preenchimento de uma bateria de instrumentos quantitativos<sup>14</sup>, que incluía o questionário sócio-demográfico. O preenchimento deste protocolo ocupava os vinte e trinta minutos finais da entrevista. O registo áudio das entrevistas foi, à posteriori, transcrito pelas três investigadoras para ser submetido a uma análise de conteúdo.

### **2.3.3.3. Análise dos dados**

A análise dos dados realizou-se recorrendo a dois procedimentos: 1) análise de conteúdo; 2) estudo comparativo de casos. Inicialmente, as entrevistas foram transcritas para se poder proceder a uma análise do seu conteúdo.

A análise de conteúdo é um procedimento que envolve a categorização de dados verbais ou comportamentais. Tem como objectivo a classificação, redução e tratamento de dados obtidos numa investigação. Podem ser considerados dois níveis de análise: 1) num nível mais básico, insere-se uma análise descritiva dos dados, na qual não são tecidas considerações acerca dos mesmos; 2) num nível mais elevado, a análise é interpretativa, sendo que o investigador está interessado nos significados que estão por detrás do discurso do entrevistado.

Ao longo deste processo, foram identificadas os dados de interesse para a investigação e categorizados de acordo com os conceitos emergentes a partir do discurso dos participantes. Este procedimento resultou numa árvore de categorias a partir dos dados emergentes, tendo sido realizado com recurso ao software Nvivo 8.

Na segunda fase da análise de resultados, foram compiladas todos os dados relevantes para a esta investigação, tendo sido organizados casal a casal (apêndice 5). Tendo em conta que cada caso é composto por dois elementos, os dados relativos a cada um deles foram analisados separadamente, tendo-se, à posteriori, realizado uma análise comparativa entre eles, de forma a compreender o casal como um todo. Assim, começou-se por realizar uma análise caso a caso, identificando os padrões que emergiam em cada um deles. Os casos foram comparados entre si, procurando semelhanças e diferenças relativamente aos padrões emergentes, e foram organizados

---

<sup>14</sup> O protocolo de instrumentos quantitativos enquadra-se na investigação de doutoramento de Luana Cunha Ferreira e não foi utilizado na presente investigação, pelo que não será apresentado.

em grupos. Foram identificadas as diferenças entre grupos com padrões semelhantes e as semelhanças entre grupos com padrões divergentes.

### 3. Apresentação e discussão dos resultados

#### 3.1. Significações de intimidade

Analisando as questões relativas **ao que é a intimidade e quais os seus componentes**, observou-se que os participantes salientaram as dimensões partilha e auto-revelação (18<sup>15</sup>) – “*Partilhar, é partilhar a nossa vivência e o que nós pensamos e sentimos...*”; “*...espaços onde as nossas fachadas... se vão abaixo e onde nos sentimos mais plenos na relação com o outro.*”; “*...estar completamente à-vontade e ser realmente o que somos*” –, confiança (18) – “*Poder arriscar mais. Saber que se está perante pessoas com quem se pode dizer o que não se diria com outras pessoas. Sobretudo poder passar uma certa linha...*”; “*E ela confiar evidentemente naquilo que ela está a partilhar comigo, eu guardo e defendo e protejo.*”, e apoio emocional (16) – “*a intimidade tem a ver com a empatia um com o outro.*”; “*...a pessoa saber que está ali alguém que... vai entender as coisas de uma certa maneira, não de outra.*”; “*...a ajuda, a entreeajuda, entre nós...*” (apêndice 1). Emergiram ainda as categorias mutualidade (14) – “*...é o espaço que existe entre nós*”; “*...poder estar bem comigo na relação e estar atenta também às necessidades do outro, sem que isso... se sobreponha às minhas*”; “*...um grande conhecimento um do outro, daquilo que cada um de nós é, daquilo que é a nossa história...*” –, sexualidade (10) – “*é uma procura de uma compensação e, neste sentido é mais uma partilha*”; “*não é só devido à questão fisiológica, ... é mesmo pela partilha...*”; “*... é quase a cola que mantém tudo unido, mantém tudo bem*” –, e interdependência (10), com destaque para o equilíbrio entre autonomia e pertença, – “*...não há intimidade se não houver autonomia, se não a relação... é uma coisa completamente de fusão*”; “*podemos manter a nossa individualidade e ao mesmo tempo queremos estar na relação*”; “*e também a independência, porque eu respeito-te enquanto pessoa não pertencente a uma relação*”; “*porque eu acho que no casal tem três coisas: o eu, o tu e o nós*” – O amor (8) – “*...a*

---

<sup>15</sup> Os números apresentados entre parêntesis dizem respeito ao número de participantes que referiram essas categorias.

*base de tudo é um grande afecto*”; *“Se não há afecto, não pode haver intimidade.”*; *“É você ter amor, sentir amor.”* – foi a categoria menos destacada pelos participantes.

Relativamente à **componente essencial, sem a qual a intimidade não poderia existir**, a **confiança** (13) foi a dimensão mais referenciada pelos participantes – *“...se eu não tiver confiança não posso passar aquelas barreiras.”* (apêndice 2). Foram ainda referidas categorias como o **amor** (4) – *“A mais importante também é o amor...”* – e o **apoio emocional** (4) – *“...ser ouvida tipo bebé...”* –, tendo sido a **partilha e auto-revelação** (3) uma das categorias menos referenciada – *“...a partilha é a que está... mais presente”* – assim como a **interdependência** (1) – *“Para mim não há amor se não houver liberdade individual.”*. Emergiu uma nova categoria, relativamente às consideradas nas significações de intimidade, que diz respeito à **novidade** (2) – *“...acho que há sempre procura, há sempre descoberta,”*; *“...a aventura também é importante.”* –, que foi considerada uma componente essencial para a existência de intimidade no casal.

Em primeiro lugar, destaca-se que, quando os participantes eram questionados sobre o que é a intimidade, estes definiram intimidade sempre recorrendo às suas componentes, reforçando, mais uma vez, a ideia de que estamos perante um conceito multidimensional (Costa, 2005). As categorias emergentes – partilha e auto-revelação, confiança, apoio emocional, mutualidade, interdependência, sexualidade e amor – no que diz respeito às componentes da intimidade, assemelham-se às descritas na literatura e vão ao encontro da revisão de Narciso e Ribeiro (2009). As componentes partilha e auto-revelação e apoio emocional foram as componentes mais destacadas pelos participantes. Na literatura, também se verifica que a partilha de algo íntimo com o parceiro, e o esperar uma resposta de compreensão e validação por parte deste, são aspectos comuns e transversais às conceptualizações de intimidade (Baumeister & Bratslavsky, 1999).

A confiança surge, ainda, como uma componente muito mencionada pelos participantes, sendo considerada, pela maioria, como a componente essencial para a intimidade. Tal pode ser explicado, tendo em consideração que as relações de intimidade colocam os elementos do casal numa situação de vulnerabilidade, uma vez que revelam partes de si ao outro (Prager, 1995). Este processo implica que o parceiro

que se auto-revela tenha confiança no outro e saiba que é seguro partilhar essas informações (Hook, Gerstein, Detterich & Gridley, 2003). A confiança parece, então, ser uma componente-base para os relacionamentos íntimos (Hartfield, 1984).

O amor e a sexualidade foram duas das componentes menos destacadas pelos participantes, ainda que o amor tenha sido a segunda componente essencial mais referida. Considerando que estas duas componentes constituem, na perspectiva de Narciso e Ribeiro (2009), os fios-contorno da intimidade, seria expectável que fossem mais referenciadas. No entanto, pode-se considerar que talvez estas duas componentes sejam intrínsecas ao próprio relacionamento íntimo, já que são estas que distinguem um relacionamento amoroso de outro tipo de relação. Podemos pensar que talvez por isso os participantes não tenham pensado nestas componentes enquanto constitutivas da intimidade por considerarem que são aspectos inerentes a esta.

### 3.2. Diferenças de género nas significações de intimidade

Considerando a variável sexo, não se observaram diferenças relevantes relativamente às significações de intimidade, como podemos verificar pela observação da tabela 1 (ver gráfico no apêndice 1). Também relativamente às categorias emergentes para a componente essencial da intimidade, tendo em consideração a variável sexo, também não sobressaem diferenças entre os participantes masculinos e femininos (apêndice 2).

**Tabela 1 – Frequência das categorias emergentes para as significações de intimidade em função do género**

<b>Sexo</b>	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
<b>Categorias</b>		
Partilha e auto-revelação	8	<b>10</b>
Confiança	<b>9</b>	9
Apoio emocional	<b>8</b>	8
Mutualidade	7	<b>7</b>
Sexualidade	<b>5</b>	5
Interdependência	<b>5</b>	5
Amor	<b>4</b>	4

Considerando o descrito na literatura (Wood & Inman, 1993; cit. por Heller & Wood, 1993; Ridley, 1993; cit. por Hook, Gerstein, Detterich & Gridley, 2003), seria expectável observar diferenças nas significações de intimidade em função do sexo. Nomeadamente, esperava-se uma maior referência a componentes de partilha e auto-revelação e apoio emocional pelos participantes do sexo feminino e uma tendência masculina para componentes como a acções ou actividades partilhadas, e sexualidade. No entanto, no nosso estudo, homens e mulheres parecem valorizar os mesmos aspectos na intimidade. Ainda assim, há que considerar dois aspectos relacionados com a metodologia desta investigação: a amostra é de pequena dimensão, o casal era entrevistado em conjunto, o que pode ter inibido a espontaneidade das respostas e produzido um efeito de desiderabilidade social, já que os participantes podem ter respondido de forma a ir ao encontro das expectativas do/a parceiro/a.

Podemos concluir que os resultados não apoiam a perspectiva de Twohey & Ewing (1995) de que homens e mulheres falam diferentes línguas no que diz respeito à intimidade. Ainda assim, não colocam de parte a hipótese de que a vivência da intimidade seja diferente entre homens e mulheres, podendo esta ser influenciada por uma capacidade para se ser íntimo, capacidade esta desenvolvida através de um processo de aprendizagem social (Twohey, 1994). Neste sentido, levanta-se a hipótese de que possam, de facto, existir diferenças entre os sexos, não nas significações de intimidade, mas antes na demonstração dessa intimidade ao parceiro. Para apoiar esta hipótese, note-se ainda que diversas diferenças de género descritas na literatura referem-se, precisamente, à manifestação, vivência e formas de expressão de intimidade (Duck & Wright, 1993; Hook, Gerstein, Detterich & Gridley, 2003; Twoney & Ewing, 1995).

Considerando as duas questões analisadas até este ponto, podemos salientar que os resultados desta investigação levam a crer que, contrariamente ao que alguns autores argumentam (ver Wood & Inman, 1993, cit. por Heller & Wood, 1993), as conceptualizações de intimidade descritas na literatura reflectem as perspectivas de intimidade de indivíduos de ambos os sexos. Para além disso, note-se que a maioria das concepções salienta as componentes de partilha e auto-revelação, apoio emocional e confiança (ver, por exemplo, Clark e Reis, 1988; Levine, 1992), que são também as mais descritas pelos participantes nesta investigação.

### 3.3. Percursos de intimidade percebidos

Na tarefa individual relativa à **escolha do cartão mais coincidente com o percurso de intimidade do casal**, destacam-se os cartões referentes aos percursos “crescente” (7) e “crescente e depois constante” (7). Foram, ainda, seleccionados pelos participantes os percursos: “oscilante” (3); “constante ao longo do tempo” (2); e “curva em «U»” (1). Tendo em consideração a variável sexo, verifica-se que três dos sete participantes que escolheram o percurso “crescente” são do sexo feminino, sendo os restantes do sexo masculino ( $n=4$ ). Relativamente ao percurso “crescente e depois constante”, também três mulheres e quatro homens seleccionaram este percurso. Os restantes percursos foram apenas seleccionados por indivíduos de um dos sexos, sendo que o percurso “oscilante” foi escolhido só por mulheres, bem como o percurso de “curva em «U»”, e o percurso “constante ao longo do tempo” foi apenas escolhido por participantes do sexo masculino (apêndice 3).

De uma forma geral, observa-se que maioria dos participantes escolheu percursos de intimidade que se iniciam num nível mais baixo de intimidade que vai crescendo ao longo do tempo. Estes dados apoiam uma perspectiva de crescimento da intimidade ao longo do tempo, requerendo, este processo, uma fase de conhecimento inicial dos elementos do casal (Baumeister & Bratslavsky, 1999; García, 1998; Sternberg, 1986). Ainda generalizando, podemos verificar que a maioria dos participantes seleccionou percursos que envolvem uma transformação da intimidade ao longo do tempo, marcada por pontos de viragem – sejam aumentos, diminuições ou transformações da intimidade. Pode-se, assim, inferir que as percepções de intimidade dos participantes confirmam que a intimidade é um processo transformativo, que resulta da configuração de vários momentos e percepções temporais da intimidade conjugal (Bennet, 2000).

Relativamente aos percursos mais seleccionados, observa-se que os percursos “crescente” e “crescente e depois constante” foram referidos pelo mesmo número de participantes. Olhando mais atentamente para estes percursos, podemos verificar que o percurso crescente e depois constante vai ao encontro do que Baumeister e Bratslavsky (1999) considerariam uma boa predição, já que os autores sugeriram um percurso de intimidade marcado por uma ascensão lenta inicialmente que atingira um ponto a partir

do qual se manteria constante. No entanto, os autores atentaram para o facto de um percurso desta natureza implicar chegar a um ponto em que o casal já não teria nada mais a acrescentar à relação de intimidade. Pensando no percurso “crescente”, este implicaria que o casal tivesse sempre algo a acrescentar à relação, ainda que possamos pensar que, numa fase mais avançada da relação, os parceiros provavelmente já terão atingido níveis satisfatórios de partilha e auto-revelação, confiança e apoio mútuo, os quais tenderiam a manter-se constantes e não a aumentar indefinidamente. No entanto, temos de ter em consideração que os participantes desta amostra são casais satisfeitos e com um curto/médio tempo de união. Os resultados vêm, então, apoiar a perspectiva de que a primeira fase de evolução da intimidade e a sua ascensão inicial dependem da forma como o casal se envolve na relação e na intimidade conjugal (Baumeister & Bratslavsky, 1999). Relembramos que o percurso mais provável – tal como o sugerido por Baumeister e Bratslavsky (1999), Sternberg (1986) e reforçado pelos resultados obtidos por Garcia (1998) –, seria um percurso intermédio entre os dois mais seleccionados. Portanto, um percurso inicialmente marcado por uma ascensão rápida que se vai moderando até atingir um nível constante, com possibilidade de aumentos ligeiros ao longo do tempo. Um percurso desta natureza talvez obtivesse um maior consenso entre os participantes. Salienta-se, ainda, que seis participantes, ao realizarem as tarefas individuais, não se identificaram com nenhum dos percursos apresentados. Nestes casos, os casais optaram por escolher o percurso que consideravam mais próximo do seu, tendo feito alterações nesse mesmo percurso para que este se aproximasse mais das suas percepções (as alterações efectuadas pelos participantes podem ser vistas nos estudos de caso – apêndice 5). As alterações feitas aos cartões “crescente e depois estável” foram no sentido das propostas do conjunto de autores já referido. Exemplificando, o elemento feminino do casal 29 sugeriu um percurso “*com um aumento progressivo com alternância entre subidas repentinas e estabilidade*”.

Analisando a escolha destes percursos considerando a variável sexo, verificam-se divergências apenas no que diz respeito aos percursos não predominantes – “constante”, “oscilante” e “curva em «U»”. Assim, enfatiza-se a escolha do percurso “constante” apenas por participantes masculinos e a selecção dos percursos “oscilante” e “curva em «U»” apenas por mulheres. Estes resultados podem sugerir que os homens terão uma percepção mais holística e menos analítica da sua relação de intimidade, percebendo a sua evolução como um todo e não enfatizando possíveis transformações ao longo do tempo. As mulheres, pelo contrário, parecem ter um

pensamento relacional mais analítico, no sentido em que percebem vários pontos de viragem na evolução da sua relação de intimidade. Assim, os percursos seleccionados pelas mulheres parecem reflectir uma análise mais compartimentada, efectuada com base numa decomposição do percurso de intimidade em vários momentos e acontecimentos. Tendo em conta o descrito particularmente para os percursos em que se verificam diferenças em função do sexo, apenas as percepções do percurso de intimidade das mulheres vão ao encontro de uma perspectiva de intimidade enquanto processo progressivo transformativo e descontínuo, que resulta da união de um conjunto de momentos e acontecimentos ao longo da vida conjugal (Bennet, 2000).

### 3.4. Proximidade emocional percebida

Na tarefa individual relativa à **escolha do cartão que melhor reflectia a relação do casal no momento actual** (adaptação da escala IOS), o cartão referente ao quinto nível de intercepção dos círculos (8) foi o mais escolhido pelos participantes, tendo sido ainda escolhidos os cartões referentes ao sexto nível (5), quarto nível (3) sétimo nível (3) e segundo nível (1) de intercepção (ver apêndice 4). Observando a escolha dos cartões em função do sexo, verifica-se que quatro homens e quatro mulheres seleccionaram o nível cinco de intercepção dos círculos, não se verificando divergência em função do sexo. Relativamente aos cartões referentes ao sexto nível de intercepção, verifica-se que estes foram escolhidos por três participantes do sexo feminino e dois participantes do sexo masculino. Quanto ao sétimo nível, este foi seleccionado por dois homens e uma mulher e, finalmente, o segundo nível foi seleccionado por um participante masculino.

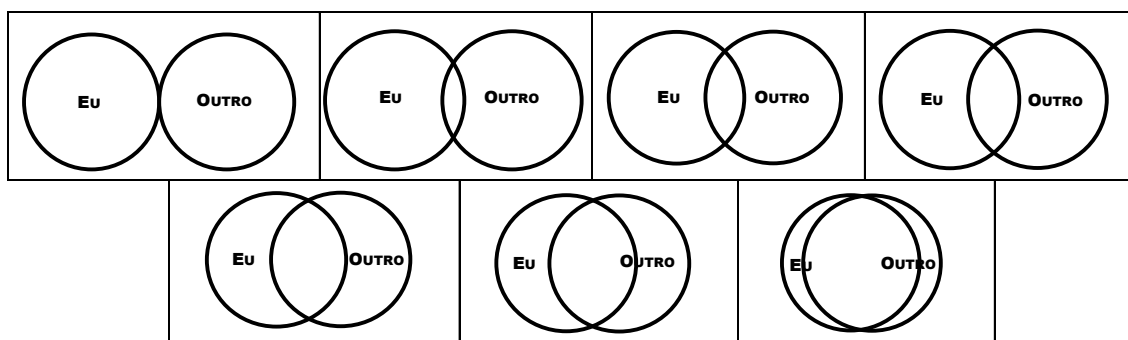


Imagem 1 – Cartões da escala Inclusion of Other in Self (IOS).

Ao escreverem uma frase justificativa da escolha dos cartões, os participantes recorreram, mais uma vez, a componentes de intimidade. As dimensões emergentes foram interdependência (13) – “*Estamos juntos, perto, ao lado mas temos espaço para sermos nós próprios e aceites por isso*”; “*Porque apesar de sermos um casal e das escolhas que fazemos enquanto casal continuamos a respeitarmo-nos enquanto indivíduos*” –, mutualidade (5) – “*...genericamente temos os mesmos interesses e princípios*”; “*equilíbrio 'natural' entre os dois, sem sentir que um cede mais do que o outro.*” –, partilha e auto-revelação (3) – “*...partilha entre os dois*”; “*...conseguimos ser nós próprios dentro da nossa relação.*” –, tendo sido feitas referências ao amor (1) – “*Amamo-nos em consciência.*” – e à confiança (1) – “*Liberdade e confiança.*”.

Observando os resultados, constata-se que todos os participantes escolheram cartões que evidenciavam níveis de proximidade que implicavam uma interacção entre os círculos, percepcionando-se como sendo parte do outro. Tal corrobora uma perspectiva de proximidade enquanto inclusão do outro no *self*, já que todos os participantes percepcionam parte do seu *self* sobreposta a uma parte do *self* do/a parceiro/a (Aron et al., 1991). Verifica-se, ainda, uma tendência dos participantes para se percepcionarem com um moderado a elevado nível de proximidade, o que se constata pela maior selecção dos níveis quatro, cinco, seis e sete de interacção dos círculos. Estes resultados apoiam a perspectiva de que as relações íntimas implicam uma elevada proximidade entre os dois elementos, através de uma inclusão do outro no *self*, numa interconexão de recursos, perspectivas e identidades dos elementos do casal. Podemos, então, pensar que a proximidade parece fazer parte das relações íntimas, uma vez que a constituição do casal implica a construção de um sentimento de “nós”, que pode ser efectivada com a inclusão de características um do outro num “nós” partilhado.

É ainda de destacar que, ao justificarem o nível de proximidade seleccionado, os participantes recorreram maioritariamente à componente de interdependência. Estes resultados vão ao encontro da perspectiva de Berscheid, Snyder e Omoto (2004) de proximidade enquanto interdependência dos elementos do casal, sugerindo que as relações íntimas implicam uma relação de proximidade em que existe uma elevada interdependência entre os dois elementos envolvidos. Assim, o modelo de Aron et al. (1991) acaba por se aproximar do modelo de Berscheid, Snyder e Omoto (2004), já que

ambos consideram a existência de três elementos nas relações de proximidade – o tu, o eu e o nós –, que partilham determinados aspectos do *self* com o parceiro, mantendo uma identidade própria, ainda que partilhada, dentro da relação.

Então, reflectindo acerca destes resultados, talvez faça sentido considerar a proximidade como um conceito implicado na componente de interdependência, já que se refere a uma parte específica da interacção entre os elementos do casal – o nós (Crespo, 2007). Para além disso, o conceito de proximidade acaba por implicar que os seus elementos construam um equilíbrio entre autonomia – manutenção da sua individualidade dentro da relação – e pertença – partilharem essa individualidade com o parceiro, reconhecendo-se como indivíduos pertencentes a uma relação.

### 3.5. Associação entre significações e percurso de intimidade percebido

Especificamente para a análise da associação entre significações e percurso de intimidade percebido, foram divididos os vários casos (apêndice 5) de acordo com a escolha de um percurso semelhante, havendo um total de cinco grupos<sup>16</sup>. Relativamente ao primeiro grupo, referente aos participantes que escolheram o percurso “crecente e depois constante” (tabela 2), salienta-se que em todos os casos as categorias mais mencionadas por todos os participantes foram a partilha e auto-revelação ou a confiança. Também a escolha da componente essencial para a intimidade centrou-se nestas duas categorias, sendo que apenas um participante salientou uma categoria diferente como componente essencial – participante 21, apoio emocional e amor como componentes essenciais.

Passaremos então a analisar o grupo dos participantes que seleccionaram o percurso “crecente” (tabela 2). Neste grupo, não se encontra uma associação entre as significações de intimidade e o percurso, já que as categorias mais mencionadas pelos participantes diferem: confiança (3); interdependência (2); partilha e auto-revelação (2); mutualidade (1); e amor (1). Também ao nível da componente essencial as respostas diferem, desde categorias como confiança (3), amor (3), apoio emocional (2), a componentes de partilha e auto-revelação (1), interdependência (1) e novidade (1).

---

<sup>16</sup> Salienta-se que, para esta análise, os casos correspondem a cada elemento do casal individualmente e não ao casal como um todo.

**Tabela 2 – Características sócio-demográficas dos casos agrupados de acordo com a semelhança na escolha do percurso.**

Percurso		Crescente e depois constante	Crescente	Constante	Oscilante	Curva em “U”
Sexo	F	3	3	0	3	1
	M	4	4	2	0	0
Situação relacional	C	0	4	2	3	1
	UF	7	3	0	0	0
Tempo de união (em anos)	0-4	5	4	0	1	0
	5-9	2	3	2	2	1
Faixa etária	< 31	3	1	0	1	0
	31-40	4	2	1	2	1
	41-50	0	1	1	0	0
	51-60	0	3	0	0	0

Relativamente ao grupo de participantes que seleccionaram o percurso “constante”, verifica-se que foram apenas participantes do sexo masculino (tabela 2), sendo as componentes mais referenciadas divergentes: um dos participantes referenciou maioritariamente a partilha e auto-revelação, a confiança e o apoio emocional e o outro referenciou a mutualidade. Quanto ao grupo que escolheu o percurso “oscilante”, este é constituído apenas por mulheres, as quais salientaram maioritariamente as componentes de partilha e auto-revelação e confiança. Relativamente à componente essencial, os participantes coincidiram escolhendo a confiança<sup>17</sup>. A única participante que escolheu o percurso de curva em “U” é do sexo feminino e salienta a confiança nas significações de intimidade e como componente essencial para a mesma.

A confiança parece ser uma componente de intimidade transversal a todos os percursos, sendo a mais mencionada pela maioria dos participantes. Tal seria expectável, tendo em consideração que foi a dimensão mais salientada, tanto nas significações de intimidade como enquanto componente essencial para a mesma. Veja-

<sup>17</sup> Salienta-se que não temos informação acerca da componente essencial no caso da participante 55.

se também que a confiança é a componente básica das relações íntimas (Hartfield, 1984), pelo que parece também ser essencial para a evolução da intimidade ao longo do tempo. Salienta-se que a construção de uma relação de confiança é o que permite aos dois indivíduos envolvidos vivenciarem momentos de partilha e auto-revelação mútuos, marcados por uma compreensão e aceitação recíproca (Hook, Gerstein, Deterich & Gridley, 2003). Este movimento levará a um aumento dos níveis de intimidade percebidos (Baumeister & Bratslavsky, 1999). Outras componentes de intimidade também são referenciadas em vários percursos, não predominando nenhuma componente específica associada a determinado percurso de intimidade. Note-se que, à excepção da confiança, partilha e auto-revelação e apoio emocional, as restantes componentes da intimidade seriam integradas de forma mais rápida na relação, continuando a progredir ao longo do tempo (Baumeister & Bratslavsky (1999).

Ainda assim, constata-se uma maior concordância nas componentes de intimidade referidas pelo primeiro grupo, que escolheu o percurso “crescente e depois constante”. Estas componentes dizem respeito à partilha e auto-revelação e à confiança. Destaca-se, ainda, que este grupo é constituído apenas por casais em união de facto, tendo a maioria um tempo de relação entre 0 e 4 anos. Relembrando o descrito na revisão de literatura, salienta-se que este percurso é referido como uma boa predição do percurso de evolução da intimidade ao longo do tempo (Baumeister & Bratslavsky, 1999), sendo o começo da relação marcado pela partilha e auto-revelação recíproca entre os elementos do casal e pela construção de confiança. Os resultados do primeiro grupo vão ao encontro desta hipótese, ainda que seja conveniente salientar que a amostra é de pequena dimensão. No entanto, relembra-se que seria expectável que os casais, nos primeiros anos de união, percepcionassem o seu percurso com um crescimento rápido e contínuo da intimidade, já que este primeiro estágio da relação implicaria o aumento de momentos de partilha e auto-revelação e a construção de objectivos e experiências partilhadas. Parece que, no caso dos casais considerados neste grupo, a evolução da intimidade foi mais rápida do que seria expectável, de acordo com os resultados obtidos por García (1998). Já Baumeister & Bratslavsky (1999) atentaram para que esta fase inicial da relação e a rapidez da evolução da intimidade depende do envolvimento do casal na relação.

Pode-se, ainda, destacar que os casais casados e os casais com maior tempo de relação diferiram mais no que diz respeito à selecção dos percursos de intimidade, não

predominando, nestes casos, uma componente de intimidade associada. De acordo com a perspectiva de Bennet (2000), faz sentido pensar que os casais com maior tempo de relação têm também um percurso de intimidade mais longo para analisar e constituído por um conjunto maior de momentos e períodos temporais. Então, podemos considerar que estes casais analisem e avaliem o seu percurso de intimidade à luz das suas idiossincrasias e considerando as suas expectativas relativamente à relação, mais do que com base nas significações individuais de intimidade.

Considerando os resultados obtidos, podemos concluir que estes não demonstram um padrão de associação entre determinadas significações de intimidade e determinada percepção de percurso de intimidade. Assim, podemos hipotetizar que as significações de intimidade e a evolução da intimidade ao longo do tempo são variáveis independentes, não se influenciando mutuamente. Todavia, não podemos deixar de frisar que, de acordo com a literatura, o percurso de intimidade mais provável seria um percurso com uma rápida ascensão no início da relação, atingindo um determinado nível em que se manteria constante, sofrendo aumentos ligeiros ao longo do tempo (Baumeister & Bratslavsky, 1999). Nesta investigação não foi considerado um percurso desta natureza, tendo sido sugerido um percurso semelhante por três participantes.

### **3.6. Associação entre significações e proximidade emocional percebida**

A associação entre significações de intimidade e proximidade emocional percebida foi averiguada, analisando os vários participantes individualmente, agrupados de acordo com o nível de proximidade percebido. No primeiro grupo, relativo aos participantes que escolheram o quinto nível de proximidade (tabela 3), as categorias mais mencionadas pelos participantes divergem, destacando-se a componente partilha e auto-revelação ( $n=4$ ), que é comum a metade do grupo. A confiança é a categoria mais mencionada quando questionada qual a componente essencial para a intimidade, sendo referida por quatro participantes do grupo, seguindo-se a partilha e auto-revelação ( $n=2$ ) e a interdependência ( $n=1$ )<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Salienta-se que não existe informação relativamente à componente essencial no caso dos participantes 55 e 56.

No grupo que escolheu o nível seis de proximidade (tabela 3), os participantes mencionam mais com maior frequência a confiança ( $n=3$ ), tendo sido ainda referida a partilha e auto-revelação ( $n=1$ ) e a interdependência ( $n=1$ ). Relativamente à componente essencial, a confiança é a categoria que se destaca (quatro os cinco participantes escolhem esta componente).

Relativamente ao grupo em que os participantes seleccionaram o sétimo nível de proximidade (tabela 3), as componentes mais referenciadas pelos elementos deste grupo foram a partilha e auto-revelação e a confiança. Dois participantes escolheram a confiança como componente essencial para a intimidade, sendo a novidade a componente escolhida pelo outro elemento. Quanto ao grupo de participantes que escolheram o quarto nível de proximidade (tabela 3), estes salientaram maioritariamente as componentes partilha e auto-revelação ( $n=2$ ) e confiança ( $n=2$ ). Como componente essencial, destaca-se o apoio emocional ( $n=2$ ) e a confiança ( $n=2$ ). Finalmente, o único participante que escolheu o nível dois de proximidade salientou maioritariamente as componentes partilha e auto-revelação, mutualidade e amor, tendo sido o amor considerado a componente essencial para a intimidade.

**Tabela 3 – Características sócio-demográficas dos casos agrupados de acordo com o nível de proximidade percebido.**

Proximidade		Nível 2	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7
Sexo	F	0	2	4	3	1
	M	1	1	4	2	2
Situação relacional	C	1	2	3	3	1
	UF	0	1	5	2	2
Tempo de união (em anos)	0-4	1	1	3	2	3
	5-9	0	2	5	3	0
Faixa etária	< 31	0	0	1	2	2
	31-40	0	3	5	2	0
	41-50	0	0	1	1	0
	51-60	1	0	1	0	1

Como podemos constatar, mais uma vez, as componentes de intimidade distribuem-se pelos vários níveis de proximidade emocional sem evidenciar uma predominância de determinadas significações em níveis específicos de proximidade. A partilha e confiança são, novamente, componentes transversais a todos os níveis de proximidade. Relembramos que seria expectável que a interdependência e/ou a mutualidade estivessem, de alguma forma, associadas a determinados níveis de proximidade, considerando a conceptualização de Berscheid, Snyder e Omoto (1989). No entanto, constata-se que estas componentes são apenas salientadas pelos participantes aquando da justificação da escolha do nível de proximidade. Estes resultados sugerem, então, que não existe um padrão directo de associação entre componentes de intimidade específicas e determinado nível de proximidade. Acrescenta-se ainda que as componentes de interdependência e mutualidade parecem demonstrar, antes, uma associação ao próprio conceito de proximidade, como já foi argumentado anteriormente.

Podemos ainda agrupar os casos de uma forma diferente e, assim, extrair informações relativamente a possíveis associações proximidade percebida – significações de intimidade. Especificamente, se considerarmos o grupo que selecciona os quarto e quinto níveis de proximidade observamos que a categoria mais saliente nestes casos é a partilha e auto-revelação. Relativamente ao grupo que selecciona os níveis seis e sete de proximidade, a componente de intimidade mais saliente parece ser a confiança. Estes dados sugerem que, para os participantes, a confiança parece ser importante para uma percepção de um nível mais elevado de proximidade. Tal pode ser explicado tendo em consideração que a aproximação de duas pessoas numa relação íntima coloca-as numa situação de vulnerabilidade, sendo essencial a construção de confiança para o crescimento e manutenção de uma relação de intimidade (Prager, 1995). Assim sendo, faz sentido pensar que a confiança promova e permita uma maior proximidade no casal, sem que estes se sintam ameaçados por essa proximidade. Quanto à partilha e auto-revelação parece estar associada níveis intermédios de proximidade. A partilha de recursos, perspectivas e características com o parceiro é fundamental para existir uma proximidade entre os dois elementos do casal numa perspectiva de inclusão do outro no *self* (Aron et al., 1991), pelo que seria expectável que a componente de partilha e auto-revelação conduzisse a uma interacção entre os *selves* dos dois elementos do casal.

Destaca-se, ainda, que parece haver um padrão de associação entre o nível de proximidade e algumas características dos participantes. Repare-se que parece haver uma maior tendência para que os casais sem filhos escolham níveis de proximidade intermédios – níveis 4 e 5 –, o que vai contra o esperado. Poderíamos pensar que a existência de filhos levaria os casais a perceberem-se com níveis mais elevados de proximidade, já que passam a ter mais um objectivo em comum (Aron et al., 1991) – um projecto de parentalidade. Os participantes que escolhem estes níveis intermédios são na sua maioria, indivíduos entre os 31 e os 40 anos, o que pode levar a crer que poderá haver uma associação entre a idade e o nível de proximidade percebido. No entanto, tal associação não é explícita e constitui apenas uma hipótese, já que a amostra considerada é de pequena dimensão e metade da amostra encontra-se na faixa etária considerada.

### **3.7. Associações entre concordâncias ao nível das significações e dos percursos de intimidade percebidos**

Para a análise destas associações, os estudos de caso (apêndice 5) referentes aos casais foram divididos em dois grupos: 1) o grupo de casos semelhantes, que inclui os casos em que os dois elementos do casal escolheram o mesmo percurso de intimidade; 2) o grupo dos casais divergentes, referente aos casais que não escolheram o mesmo percurso de intimidade (tabela 4). Relativamente ao primeiro grupo, três dos casais pertencentes a este grupo seleccionaram o percurso crescente e depois constante. Os restantes dois casais deste grupo escolheram o percurso crescente. Quanto aos componentes de intimidade verifica-se que existem três componentes da intimidade referidas por todos eles – partilha e auto-revelação, confiança e apoio emocional. No entanto, tal não é exclusivo destes casais, uma vez que no grupo divergente – casais que divergem na escolha do percurso – estas três componentes também são referidas por todos os casais. De uma forma geral, todos os casais concordam na componente de intimidade referidas, ainda que só três casais coincidam na componente mais referenciada (casal 1 – partilha e auto-revelação; casal 6 – apoio emocional; casal 15 – interdependência). Quanto ao componente essencial para a intimidade, a confiança foi a componente mais referenciada, ainda que não tenha sido escolhida por todos os casais. Apenas um casal concorda na escolha da componente essencial.

**Tabela 4 – Características sócio-demográficas dos casos agrupados por semelhança/divergência na selecção do percurso de intimidade.**

	Casais		Situação Relacional		Tempo de união (anos)		Existência de filhos do casal	
	Nº		C				Sim	
Grupo Semelhante	5	C	1	0-4	3	Sim	1	
		UF	4	5-9	2	Não	4	
Grupo Divergente	5	C	4	0-4	2	Sim	3	
		UF	1	5-9	3	Não	2	

Passando à análise do segundo grupo, para além da partilha e auto-revelação, confiança e apoio emocional, que são componentes referidas por todos os casais, neste grupo, todos os casais mencionam a componente de mutualidade, o que não acontecia no grupo anterior. Três casais parecem concordar em pelo menos uma das componentes de intimidade mais referenciadas<sup>19</sup>. Salienta-se em todos os casais pertencentes a este grupo, que pelo menos um dos seus elementos escolheu a confiança como componente essencial para a intimidade. Para além disso, também três dos quatro<sup>20</sup> casais concordaram na escolha da componente essencial.

Através da observação dos resultados, constata-se que a concordância nas significações de intimidade parece não conduzir a uma concordância nos percursos de intimidade seleccionados. Mais, a concordância nas significações de intimidade é maior no grupo de casais que discordam na percepção de percurso de intimidade. Estes resultados parecem demonstrar uma associação negativa entre a concordância nas significações de intimidade e a concordância no percurso de intimidade percebido, tendo a concordância nas significações um efeito negativo sob a concordância na percepção de percurso. Estes resultados poderão ser um indício de que os casais, ao perceberem o seu percurso de intimidade, poderão ter em conta outros factores que tenham uma maior influência na própria transformação da intimidade ao longo do

<sup>19</sup> De notar que alguns elementos têm o mesmo número de referências para várias componentes de intimidade.

<sup>20</sup> No caso do casal 29, não temos informação quanto à componente essencial.

tempo. Talvez se pensarmos em satisfação do casal relativamente à sua percepção de percurso de intimidade se possa encontrar um padrão de associação entre a concordância nas significações de intimidade e a satisfação conjugal relativamente ao percurso percebido.

Olhando, ainda, para os resultados, podemos constatar que os casais que concordam na escolha do percurso de intimidade – grupo semelhante – são, na sua maioria, casais que vivem em união de facto. O grupo divergente, constituído por casais que divergem na escolha do percurso mas concordam, na sua maioria, nas componentes de intimidade mais referidas, é um grupo constituído maioritariamente por casais casados. Estas duas especificidades dos resultados obtidos parecem sugerir que a concordância ao nível dos percursos de intimidade parece estar relacionada com a situação relacional, sendo que casais em união de facto concordariam mais na percepção de percurso de intimidade. Por outro lado, a situação relacional parece, também, estar associada à concordância nas significações de percurso, já que casais casados obtiveram uma maior concordância nas componentes de intimidade mais salientadas.

### **3.8. Associações entre concordâncias ao nível das significações e da proximidade emocional percebida**

Para testar as associações entre a concordância ao nível das significações de intimidade e da proximidade emocional percebida, os estudos de caso (apêndice 5) foram divididos em dois grupos: 1) grupo semelhante, em que os elementos do casal escolheram o mesmo cartão IOS; 2) grupo divergente, grupo em que os elementos do casal não escolheram o mesmo cartão IOS (tabela 5). Através da análise do primeiro grupo, podemos verificar que todos os casais que coincidiram na escolha do cartão IOS referiram como componente essencial para a intimidade a confiança<sup>21</sup>. Acrescenta-se, ainda, que dos cinco casais considerados, quatro deles convergem tanto no cartão IOS como na componente essencial para a intimidade. Quanto às significações de intimidade, salienta-se que quatro dos seis casais pertencentes a este grupo convergem em, pelo menos uma, das componentes de intimidade mais referenciadas.

---

<sup>21</sup> De notar que não existe informação sobre o componente essencial para o casal 29.

**Tabela 5 – Características sócio-demográficas dos casos agrupados pela semelhança/divergência na selecção do percurso de proximidade percebido.**

	Casais		Situação Relacional		Tempo de união (anos)		Existência de filhos do casal	
	Nº		C	UF			Sim	Não
Grupo Semelhante	6	C	3	0-4	2	Sim	2	
		UF	3	5-9	4	Não	4	
Grupo Divergente	4	C	2	0-4	3	Sim	2	
		UF	2	5-9	1	Não	2	

Observando o grupo divergente, verifica-se que todos os elementos que divergem na escolha do cartão IOS divergem também na escolha do componente essencial para a intimidade. Constatase, no entanto, que três dos quatro casais que pertencem a este grupo convergem em, pelo menos uma, das componentes de intimidade mais referenciadas. Este grupo é constituído por dois casais em união de facto e dois casais casados, sendo que em três destes casais pelo menos um dos seus elementos tem filhos.

Aquando da procura de associações entre a concordância nas significações de intimidade e a concordância no nível de proximidade percebido pelos casais, podemos verificar que a concordância nas significações parece não estar relacionada com a concordância na percepção de proximidade. Vejamos que, a maioria dos casais pertencentes a cada um dos dois grupos converge nas significações de intimidade, apesar de nem todos coincidirem no nível de proximidade percebido. Mais uma vez, a dimensão da amostra parece dificultar a procura de padrões de associação entre estas concordâncias.

Quando analisamos estes estudos de caso focando apenas a componente essencial, os resultados parecem apontar para a existência um padrão de associação entre a concordância na componente essencial da intimidade e a concordância no nível de proximidade percebido pelo casal. Note-se que a maioria dos casais que concorda no nível de proximidade também concorda na componente essencial para a intimidade. Também todos os casais que diferem no nível de proximidade percebido divergem na

escolha da componente essencial para a intimidade. Estes resultados parecem sugerir que a concordância na componente essencial para a intimidade associa-se positivamente à concordância na proximidade percebida. Se pensarmos nos vários modelos de proximidade apresentados, estes resultados seriam expectáveis. Vejamos que a proximidade se centra no elemento do casal “nós” (Crespo, 2007) e envolve uma interdependência entre os dois elementos do casal (Berscheid, Snyder e Omoto, 2004). Ao construir uma relação íntima e próxima, o casal envolve-se na construção de uma identidade enquanto indivíduo pertencente a uma relação, construindo um sentido de nós partilhado que envolve uma negociação da autonomia-pertença e da própria relação de intimidade do casal. Esta negociação e partilha de recursos, perspectivas e identidades com o outro (Aron et al., 1991) pode conduzir, então, a que o casal se identifique e se sinta próximo, definindo os próprios limites da relação e do ser individual, e da própria sobreposição de *selves* que ocorre na relação. Então, a valorização dos mesmos aspectos da intimidade e a demonstração dessa valorização, pode levar a uma percepção partilhada da proximidade existente entre os dois elementos pertencentes a uma relação.

### **3.9. Associações entre concordâncias ao nível dos percursos percebidos e da proximidade emocional percebido**

Para testar as associações entre concordância no percurso percebido e concordância na proximidade emocional percebida, os estudos de caso (apêndice 5) foram agrupados da seguinte forma: 1) grupo semelhante, ao qual pertencem casais que escolheram o mesmo percurso; 2) grupo divergente, no qual os casais não coincidem na escolha do percurso (tabela 4). Constatou-se que dois dos cinco casais pertencentes ao grupo semelhante coincidem tanto na escolha do percurso como na escolha do cartão IOS. Estes dois casais vivem em união de facto, não coincidindo entre si no tempo da união. Relativamente ao grupo divergente, destaca-se que quatro dos cinco casais que não coincidem na escolha do percurso coincidem na escolha do cartão IOS, de entre os quais três são casados.

Observa-se que não existe um padrão de associação entre a concordância no percurso de intimidade percebido e a concordância no nível de proximidade. Vejamos que apenas dois casais coincidem nestas variáveis, pelo que podemos considerar que a concordância no percurso de intimidade percebido e a concordância no nível de proximidade são variáveis independentes. Tais resultados levam a crer que, ao pensarem no seu percurso de intimidade, os casais não o percebem tendo em conta o seu nível de proximidade emocional, assim como quando pensam em proximidade não a associam ao seu percurso de intimidade.

Estes resultados levam-nos a reflectir sobre a utilização indiferenciada dos conceitos de intimidade e proximidade (Popovic, 2005). Se os conceitos de intimidade e proximidade fossem conceitos equivalentes poderíamos pensar que os casais que se posicionassem no mesmo nível de intimidade, escolhendo o mesmo percurso, tenderiam a coincidir no nível de proximidade percebido. No entanto, os resultados contrariaram essa hipótese, levando mais uma vez a acreditar que a proximidade e a intimidade não só são conceitos distintos, como não são percebidos da mesma forma pelos casais.

### **3.10. Questões emergentes**

Esta secção é dedicada a um breve resumo das questões emergentes nesta investigação, as quais, embora não se relacionem nem respondam directamente às questões desta investigação, podem constituir pistas para investigações futuras.

Em primeiro lugar, salienta-se a possibilidade de existir uma associação entre a idade e o nível de proximidade percebido. Nesta investigação, os resultados foram ao encontro desta associação. No entanto, nada se poderá concluir através dos resultados aqui obtidos, considerando que a nossa amostra é de pequena dimensão e não era equitativa quanto à distribuição por faixas etárias.

Apesar de esta investigação ter demonstrado que se estabelece uma associação negativa entre a concordância nas significações de intimidade e a concordância na percepção do percurso de intimidade, surge a hipótese de existirem associações entre as significações de intimidade e a satisfação do casal com o percurso de intimidade percebido. Pode-se colocar a hipótese de que a concordância nas significações possa

levar a uma maior concordância na satisfação relativa ao percurso de intimidade percebido.

A concordância ao nível dos percursos parece estar relacionada com a situação relacional do casal. Casais que concordam nos percursos de intimidade percebidos são casais que vivem, maioritariamente, em união de facto. Casais que discordam ao nível dos percursos de intimidade percebidos, são casais, maioritariamente, casados. Seria interessante investigar melhor esta associação, perceber o seu significado e quais as suas consequências na satisfação conjugal.

## **Conclusões**

A presente investigação respondeu a algumas das questões inicialmente colocadas, deixando em aberto outras que podem indicar pistas para investigações futuras. Faremos um breve resumo dos resultados mais significativos, seguindo-se algumas reflexões e considerações relativamente às limitações desta investigação. Finalmente, serão deixadas algumas pistas para futuras investigações.

Os resultados apontam para uma adequação das conceptualizações de intimidade para a amostra considerada e em função da variável sexo, já que as categorias emergentes foram ao encontro das componentes de intimidade descritas na literatura. A partilha e auto-revelação, a confiança e o apoio emocional são, como seria de esperar (Baumeister & Bratslavsky, 1999), as componentes mais valorizadas pelos participantes independentemente do sexo, destacando-se a confiança como uma componente base, essencial para a existência de relações de intimidade (Hartfield, 1984). Salienta-se, novamente, a ideia que os resultados obtidos não evidenciem diferenças de género, o que nos leva a crer que as diferenças de género na intimidade se possam dever a diferentes manifestações de intimidade e não a divergências nas significações.

Os resultados relativos aos percursos de intimidade percebidos não foram conclusivos. Os percursos mais seleccionados foram o percurso “crescente” e o percurso “crescente e depois constante”, ambos escolhidos pelo mesmo número de participantes. Lembra-se que o percurso referido na literatura como o mais provável para a evolução da intimidade ao longo do tempo diria respeito a um percurso crescente inicialmente, a atingir um nível constante de intimidade que cresceria ligeiramente ao longo do tempo

(Baumeister & Bratslavsky, (1999; García, 1998). Este percurso não foi utilizado nesta investigação, tendo sido sugerido apenas por três participantes.

Relativamente ao conceito de proximidade, os resultados levaram-nos a sugerir a hipótese de a proximidade estar incluída numa das componentes da intimidade: a interdependência. Note-se que, ao justificarem a escolha dos cartões, os concorrentes, recorreram maioritariamente a frases que salientavam esta componente. Assim, e indo ao encontro do que foi referido na literatura (Aron et al., 1991); Berscheid, Snyder e Omoto, 2004), a proximidade poderá então dizer respeito ao nós, enquanto sobreposição de *selves*, numa relação de constantes (re)equilíbrios entre autonomia e pertença.

Focando-nos na questão principal desta investigação, não se manifestaram associações entre as significações de intimidade e os percursos de intimidade percebidos, o que sugere que estas são duas variáveis independentes. Também no que diz respeito à associação entre significações de intimidade e proximidade emocional percebida, os resultados não demonstraram associações. Surgiu, antes, a possibilidade de a percepção de proximidade estar associada a características sócio-demográficas dos participantes, tais como a idade e a existência de filhos.

Resumindo, os resultados relativos às concordâncias entre os elementos do casal sugerem, em primeiro lugar, uma associação negativa entre a concordância nas significações de intimidade e a concordância nos percursos de intimidade. A concordância do casal nas significações de intimidade parece, então, não ser um factor preditor da concordância na percepção da evolução da intimidade ao longo do tempo. Salienta-se que a situação relacional parece estar associada à concordância no casal no percurso de intimidade percebido.

A associação entre a concordância nas significações de intimidade e a concordância no nível de proximidade percebido não se revelou significativa. No entanto, encontra-se um padrão de associação quando analisamos a concordância na componente essencial para a intimidade. Sugere-se que a valorização dos mesmos componentes de intimidade contribua para uma identidade partilhada – o sentido de nós –, o que levaria também a uma percepção partilhada do nível de proximidade do casal. A concordância nas percepções do percurso de intimidade e no nível de proximidade emocional demonstraram ser variáveis independentes.

### ***Limitações do estudo***

Um estudo desta natureza tem subjacentes algumas limitações que devem ser consideradas ao analisar os resultados aqui apresentados. A selecção e recolha da amostra basearam-se num processo de amostragem por conveniência, com recurso à estratégia de “bola de neve”. Salienta-se, ainda, a reduzida dimensão da amostra. Por estas razões, os resultados obtidos não são passíveis de serem generalizados. A reduzida dimensão da amostra dificultou também a emergência de padrões de associação.

Relativamente à metodologia utilizada, salienta-se que a realização de entrevistas a ambos os elementos do casal é um dos pontos fortes desta investigação, no sentido em que é um instrumento de recolha de dados pouco explorado, que poderá contribuir para a riqueza das informações recolhidas, nomeadamente, a observação da interacção do casal. No entanto, constitui uma desvantagem, pois pode influenciar a espontaneidade das informações recolhidas, devido a uma eventual necessidade de concordar com o cônjuge, levando a um ao efeito de desiderabilidade social – neste caso, relativamente ao/à parceiro/a. A existência de um momento com cada um dos elementos do casal individualmente poderia ter sido uma solução para reduzir este possível enviesamento.

Ainda considerando a entrevista, convém salientar que a entrevista era extensa e explorava uma multiplicidade de questões, para além das apresentadas nesta investigação. Daí que não tenham sido aprofundados determinados temas relevantes para esta investigação. Neste sentido, uma entrevista mais focalizada na temática da intimidade, percursos de intimidade e proximidade emocional permitiria uma maior riqueza dos dados recolhidos.

### ***Estudos futuros***

Seria aliciente realizar um estudo que testasse associações entre significações, percurso de intimidade e proximidade emocional, recorrendo a uma metodologia mista. Para um estudo de natureza qualitativa, salienta-se a necessidade da existência de um momento individual, em que os participantes seriam questionados acerca das temáticas gerais abordadas na entrevista conjunta. Este momento poderia ser realizado, por exemplo, durante a realização das tarefas individuais. Um estudo de natureza qualitativa

contribuiria para um enriquecimento da informação, nomeadamente para a averiguação de diferenças de género e das concordâncias no casal nas diversas variáveis.

Como já foi referido anteriormente, poderia ser interessante um estudo para averiguar associações destas três variáveis com a satisfação do casal: 1) associação entre a concordância nas significações de intimidade e satisfação conjugal; 2) associação entre a percepção do percurso de intimidade e a satisfação relativamente a esse percurso; 3) associação entre concordância nos percursos de intimidade percebidos e satisfação conjugal; 4) associação entre o nível de proximidade percebido e a satisfação relativamente a essa proximidade; 5) associação entre a concordância ao nível da proximidade emocional e a satisfação conjugal.

### ***Implicações clínicas e preventivas***

Ainda que os resultados desta investigação não tenham ido ao encontro do esperado, não deixam de contribuir, tanto como pistas para futuras investigações, como a um nível clínico e preventivo. O conhecimento e avaliação das significações, percursos de intimidade percebidos e nível de proximidade percebido no âmbito de uma intervenção clínica e terapêutica podem conduzir para a recolha novas informações acerca do casal e podem permitir compreender possíveis razões para a insatisfação na relação conjugal. Considere-se ainda que estes resultados contribuem para uma compreensão da adequação das conceptualizações de intimidade e sua distinção face ao conceito de proximidade. Também a um nível preventivo, a concordância entre as três questões consideradas pode constituir um factor protector para a satisfação do casal.

## **Bibliografia**

Aron, A., Aron, E. N., Tudor, M., & Nelson, G. (1991). Close relationships as including other in the self. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(2), 241-253.

Aron, A., Aron, E. N. & Smollan, D. (1992). Inclusion of other in self scale and the structure of interpersonal closeness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63(4), 596-612.

Aron, A., McLaughlin-Volpe, T., Mashek, D., Lewandowski, G., Wright, S. C., & Aron, E. N. (2004). Including others in the self. *European Review of Social Psychology*, 15(1), 101-132.

Baumeister, R. F. & Brarlavsky, E. (1999). Passion, intimacy, and time: Passionate love as a function of change in intimacy. *Personality and Social Psychology Review*, 3(1), 47-67.

Baxter, P., & Jack, S. (2008). Qualitative case study methodology: Study design and implementation for novice researchers. *The Qualitative Report*, 13(4), 544-559.

Bennett, J. B. (2000). Time and intimacy: A new science of personal relationships. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc..

Berscheid, E., Snyder, M., & Omoto, A. M. (2004). Measuring closeness: The relationship closeness inventory (RCI) revisited. In D. J. Mashek e A. Aron (Eds.) *Handbook of closeness and intimacy* (81-102). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc.

Brown, S. L. (2000). The effect of union type on psychological well-being: Depression among cohabitators versus marrieds. *Journal of Health and Social Behaviour*, 41, 241-255.

Clark, M. S., & Reis, H. T. (1988). Interpersonal processes in close relationships. *Annual Review of Psychology*, 39, 609-672.

Cordova, J. V., Gee, C. B., & Warren, L. Z. (2005). Emotional skillfulness in marriage: Intimacy as a mediator of the relationship between emotional skillfulness and marital satisfaction. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 24(2), 218-235.

- Costa, M. E. (2005). *À procura da intimidade*. Porto: Edições ASA.
- Crespo, C. (2007). *Rituais familiares e o casal: Paisagens inter-sistémicas*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Duck, S. & Wright, P.H. (1993). Reexamining gender differences in same-gender friendships: A close look at two kinds of data. *Sex Roles*, 25(11/12), 709-727.
- Eisenhardt, K. M. (1989). Building theories from case study research. *Academy of Management Review*, 14(4), 532-550.
- García, C. Y (1998). Temporal course of the basic components of love throughout relationships. *Psychology in Spain*, 2(1), 76-86.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin e Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (105-117). London: SAGE Publications.
- Gulotta, G. (1993). *Comédias e dramas no casamento*. M. T. Ribeiro (Trad). Lisboa: Relógio D'Água. (obra original 1976)
- Instituto Nacional de Estatística (2003). Estatísticas demográficas – Divorcialidade: Resultados definitivos de 2002. Destaque: Informação à Comunicação Social.
- Hartfield, E. (1984). The dangers of intimacy. In V. Derlaga (Ed.), *Communication, intimacy and close relationships* (207-220). New York: Praeger.
- Heller, P. E. & Wood, B. (1998). The process of intimacy: Similarity, understanding and gender. *Journal of Marital and Family Therapy*, 24(3), 273-288.
- Hinchliff, S. & Gott, M. (2004). Intimacy, commitment, and adaptation: Sexual relationships within long-term marriages. *Journal of Social and Personality Relationships*, 21(5), 595-608.
- Hook, M.K., Gerstein, L. H., Detterich, L., & Gridley, B. (2003). How close are we? Mesuring intimacy and examining gender differences. *Journal of Counseling & Development*, 81, 462-473.

Leite, S. (2003). A união de facto em Portugal. *Revista de Estudos Demográficos*, 33, 95-140.

Levine, S. B. (1992). *Sexual life: A clinician guide*. New York: Plenum Press.

Lippert, T., & Prager, K. J. (2001). Daily experiences of intimacy: A study of couples. *Personal Relationships*, 8, 283-298.

López, F. R., & Santacana, M. F. (2003). Evaluación psicológica entendida como processo. In M. F. Santacana (Coord.), *Evaluación psicológica* (p. 5-43). Barcelona: Editorial UOC.

Lunsford, T. R., & Lunsford, B. R. (1995). The research sample, part 1: Sampling. *Journal of Prosthetics and Orthotics*, 7(3), 105-112.

Moss, B. F. & Schwebel, A. I. (1993). Defining intimacy in romantic relationships. *National Council on Family Relations*, 42(1), 31-37.

Narciso, I. & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.

Popovic, M. (2005). Intimacy and its relevance in human functioning. *Sexual and Relationship Therapy*, 20(1), 31-49.

Prager, K. J. (1995). *Psychology of intimacy*. New York: The Guilford Press.

Schaefer, M., & Olson, D. (1981). Assessing intimacy: The PAIR inventory. *Journal of Marital and Family Therapy*, 7(1), 47-60.

Silva, M. H. & Relvas, A. P. (2002). Casal, casamento e união de facto. In A. P. Relvas & M. Alarcão (Coords.) *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto.

Smith, J. A. (1995). Semi-structured interviewing and qualitative analyses. In J. A. Smith, R. Harré & L. V. Langenhove (Eds.), *Rethinking methods in psychology* (9-26). London: SAGE Publications Ltd.

Stake, R. E. (2005). Qualitative case studies. In N. K. Denzin e Y. S. Lincoln (Eds.), *The SAGE Handbook of Qualitative Research*. E.U.A.: SAGE Publications, Inc.

Strauss, A., & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory*. London: SAGE Publications.

Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93(2), 119-135.

Sternberg, R. J. (2007). Triangulating love. In T. J. Oord (eds.). *Altruism reader: Selections from writings on love, religion and science* (331-347). E.U.A.: Templeton Foundation Press.

Twohey, D. (1994). Can we talk? Case studies regarding gender and intimacy. Comunicação apresentada no 101st Annual Meeting of the American Psychological Association. Toronto, Ontário, Canadá.

Twohey, D. & Ewing, M. (1995). The male voice of emotional intimacy. *Journal of Mental Health Counseling*, 17(1), 56-62.

